

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

SARA RAQUEL NACIF BAIÃO

Trabalho de Conclusão de Curso

Os mortos de São Tomaz:

Ritos funerários em um bairro rural ao sul de Santa Catarina

Florianópolis
Julho de 2010

SARA RAQUEL NACIF BAIÃO

Os mortos de São Tomaz:

Ritos funerários em um bairro rural ao sul de Santa Catarina

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na disciplina Estágio Curricular, como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Prof.^a Dra. Miriam Pillar Grossi.

Florianópolis - Santa Catarina

Julho/2010

SARA RAQUEL NACIF BAIÃO

Os mortos de São Tomaz:

Ritos funerários em um bairro rural ao sul de Santa Catarina

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Miriam Pillar Grossi (PPGAS/UFSC - orientadora)

Prof.^a Dra. Maria Amélia Dickie (PPGAS/UFSC)

Prof.^a Dra. Antonella Tassinari (PPGAS/UFSC)

Prof.^a Dra. Rozeli Porto (UFRN)

Agradecimentos

Agradeço aos moradores de São Tomaz, que com carinho, disposição e afetividade, me receberam em suas casas, em suas vidas, contando suas visões particulares sobre a morte, em muitos momentos, tendo que trazer à tona emoções há muito esquecidas.

Expresso minha sincera gratidão a Antônio Raulino, sua esposa Célia e toda a sua família, que me receberam com amorosidade, compartilhando a sua casa, sua intimidade e abrindo em par as portas deste vilarejo, possibilitando a realização desta pesquisa. Toninho, com seu jeito calmo e paciente, foi além de amigo meu “anjo da guarda” em campo.

Com afeto especial agradeço a Prof.^a Dra. Miriam Pillar Grossi, quem despertou em mim a paixão pela antropologia, mais do que isso, me fez acreditar que conseguiria, e não poupou esforços para tornar este estudo possível, além é claro de aceitar orientar esse tema.

Agradeço também as prof^{as} Dras. Maria Amélia Schmidt Dickie, Antonella Maria Imperatriz Tassinari e Rozeli Maria Porto, por aceitarem compor a banca examinadora da qualificação do projeto, e pelas preciosas orientações.

Agradeço ao Prof. Dr. Jacques Mick que com muita sensibilidade soube entender que eu não poderia estar, em muitos momentos, presente em sua classe pela distância que separa Florianópolis de Salvador.

Minha gratidão e admiração à Prof.^a Dra. Maria do Rosário Carvalho que com carinho me acolheu na Universidade Federal da Bahia, que é um exemplo de pessoa pela capacidade natural de aliar competência e bondade, aos professores Drs. Lívio Sansone, Jocelio Telles dos Santos, Ana Cristina de Souza Mandarino e Carlos Alberto Caroso Soares, da UFBA e aos professores do Curso de Graduação em Ciências Sociais da UFSC.

A todos meus colegas do Curso de Ciências Sociais da UFSC, aos amigos do NIGS e companheiros da UFBA, cuja convivência e troca de experiências, muito me fez crescer. Obrigada, Liza, Mari, Vini, Anahi, Márcia, Rari, Maria Luíza, Laura, Camila, Gi, Dani, Ana Paula, Marina, Fátima, Tânia, Carla, Felipe, Yasmin, Du, Fernanda, Paulinha, Fran.

Aos meus pais por me ensinarem a ética e a honestidade e a minhas filhas com quem aprendi o amor.

INDICE

Capitulo 1 - Apresentação e Metodologia.....	09
Capitulo 2 – Contextualização do campo de estudos.....	14
2.1 - São Tomas: um Bairro Rural.....	20
2.2 – Sociabilidade no Bairro Rural.....	26
Capitulo 3 – Etnografia de quatro Mortes.....	34
Capitulo 4 – Pensando os Ritos fúnebres.....	50
4.1 – Os conceitos de Religião.....	50
4.2 – Os conceitos de Rito.....	53
4.3 – Analisando o Rito de Passagem.....	56
4.4 - Práticas necessária à eficácia do Rito.....	62
4.5 – O cemitério.....	68
4.6 – A religião, os ritos mais elaborados e a morte laica.....	70
5.Considerações Finais.....	79
6. Referencias bibliográficas.....	83
7.Anexos.....	87
7.1 Fotografias.....	87
7.2 - Roteiro das Entrevistas.....	96
7.3 -Mapas	100

Capítulo 1. Apresentação e Metodologia

A história dessa pesquisa aconteceu na década de 1990, então aluna de Ciências Sociais, na disciplina Sociedades Camponesas, ministrada pela minha orientadora Prof.^a Dra. Miriam Pillar Grossi. Fiquei fascinada pelo tema e fiz, nesta ocasião, minhas primeiras incursões no campo, e especificamente nos rituais da morte no vilarejo de São Tomaz, ao sul de Santa Catarina, que se apresentavam fortemente ritualizados e com particularidades semelhantes às narradas nos vários trabalhos da obra “A morte e os mortos na sociedade brasileira”, organizada por José de Souza Martins (1983), especialmente no capítulo que tratava do tema da morte entre caboclos e caipiras de São Paulo.

Naquele momento por conta de razões pessoais - casamento, maternidade, e mudança para uma cidade do interior de Santa Catarina - abandonei o curso de Ciências Sociais. Após um hiato de 20 anos, em 2008, retornei não somente ao curso mas ao mesmo objeto de pesquisa. Frequentando um ano nesta Universidade e tendo concluído a grade curricular obrigatória, fui para a Universidade Federal da Bahia, por um período de dois semestres, por conta do Programa de Mobilidade Acadêmica, o que permitiu exercitar outros olhares sobre o tema, especificamente num estudo que fiz sobre os velórios e enterros em dois cemitérios da cidade de Salvador: o Campo Santo e a Quinta dos Lázaros, na Disciplina Antropologia Urbana e Globalização ministrada pelo Professor Dr. Lívio Sansone.

“O homem põe e Deus dispõe.” Esta frase dita por Antônio Cândido durante a entrevista que concedeu a Mariza Peirano e que ela cita em “Artimanhas do Acaso” (1995), serviu naquele momento para explicar os caminhos que o destino impôs e que desagou para ela e outros intelectuais, em resultados não previstos tampouco planejados, fazendo com que protagonizassem mudanças de rumo em suas carreiras. Dentro da lógica da disposição de Deus aos fatos, ou da atribuição ao “acaso”, também eu durante a última fase da pesquisa de campo em São Tomaz, no verão de 2010, tive a sorte, de após esse longo tempo, encontrar alguns dos meus antigos informantes, o que ajudou muito o acesso ao campo. Para analisar o uso da noção de “acaso” em nossa sociedade, Peirano a compara com a ideia de bruxaria (analisada entre outros por Evans-Pritchard em seu estudo clássico sobre os Azande), pontuando que ela está ligada ao infortúnio, a uma explicação casual sendo socialmente relevante, podendo ser passível de reparação. Já o

“acaso” é, segundo ela, um fenômeno auspicioso; indeterminado onde não há intervenção humana. Longe de mim resolver esta questão tão complexa, mas usando as palavras de Peirano “invocar o acaso inclui nossa versão de bruxaria.” E quem sabe não foi minha visão ocidental de bruxaria que fez mover os céus e a terra para o desenvolvimento desta pesquisa?

Claro que muitas práticas fúnebres se transformaram em São Tomaz neste período de vinte anos, mas a forma como lidam com os rituais da morte ainda permaneceu um tema muito interessante para ser pesquisado. Não que eu tenha predileção especial por assuntos fúnebres e tampouco que seja daquelas pessoas que veem a morte como algo belo e poético, mas o que à época me instigou acerca do tema é que ele goza, na sociedade ocidental, de uma visão negativa, um assunto desagradável sobre o qual ninguém gosta muito de falar. Apesar de sua inevitabilidade, é um tabu, como já disse José Carlos Rodrigues¹.

O que busco nos limites desse Trabalho de Conclusão do Curso, é pensar os rituais da morte – velório, encomendação e enterro entre os católicos, como um rito de passagem usando como referências centrais as obras de Van Gennep (1978) e Victor Turner (1974), e em segundo plano, como são tratados estes ritos num bairro rural de maioria católica e minoria pentecostal da Assembleia de Deus.

A hipótese norteadora deste estudo é de que em São Tomaz não há morte laica, toda morte está ligada a um ritual religioso, onde cada religião ritualiza de forma diferente a morte de seus seguidores.

Ter estado em São Tomaz fazendo parte da vida das pessoas foi uma das coisas boas que aconteceram neste ano de 2010. Inicialmente tinha Toninho, meu conhecido de vinte anos atrás, e sua esposa Célia que me hospedaram. Mas a palavra ‘hospedar’ não define o que vivenciei no campo. A despeito de tão árduo tema, que todos sabiam desde o início qual o objetivo de minha investigação, abriram suas vidas, suas casas e seus corações e fui recebida com amorosidade. Antropólogos e antropólogas sempre narram a dificuldade de suas entradas em campo, de minha parte tenho que falar da dificuldade de sair de lá.

Foi difícil a despedida e ao término do trabalho de campo, deixei São Tomaz chorando porque foi um momento de muita emoção, aliada a manifestações públicas de carinho que recebi. O ritual de despedida, coletivo com os católicos foi no culto de domingo em que ao final, naquele momento em que são dados os avisos eles me

¹ - O Tabu da Morte. Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1983.

agradeceram por ter estado lá. Disse-lhes algumas palavras e narrei o quanto aprendi com eles, que foi muito emocionante, porque tive grandes lições sobre caridade, solidariedade, afeto, união, religião e respeito aos mortos. Da mesma forma recebi manifestações de carinho na Assembleia de Deus, quando anunciei que havia terminado o trabalho. Por isto creio que São Tomaz sempre será muito importante em minha vida.

A metodologia utilizada foi a Observação Participante, técnica na qual se "... observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou." (BECKER.1999:47). Como a linha condutora do estudo foi a análise dos quatro ritos fúnebres, ela auxiliou na percepção de como eles se desenvolviam, em suas várias etapas. Na proporção em que iam acontecendo, anotei palavras-chaves num discreto caderninho, e ao final do dia escrevia no diário de campo. Em alguns momentos rituais como as orações de encomendação gravei a parte do culto, bem como utilizei a fotografia para documentar um dos enterros, mais precisamente o de Ícaro, que fez um desvio no campo de futebol, antes de chegar à igreja.

Esta técnica investigativa largamente utilizada na antropologia, teve em Bronislaw Malinowski seu criador, que defendia a importância de se conviver em tempo integral com o grupo que se está estudando, e também eu por acreditar ser importante, fiquei imersa nesta sociedade, o que possibilitou a observação da vida cotidiana e dos imponderáveis da vida real², (MALINOWSKI.1978) nas conversas informais, nas festas, no dia a dia, o que considero importante na medida em que permitiu num curto espaço de tempo, uma visão mais ampliada de como se dava a sociabilidade do grupo.

Cláudia Fonseca (1999) também pensa ser fundamental para a pesquisa antropológica a observação participante, pois a entrevista nos dá o discurso verbal do entrevistado e reflete uma dimensão idealizada da sociedade, mas a observação participante permite a comparação do discurso com outras linguagens e só desta maneira pode o pesquisador construir o tecido da vida social. Algumas questões que me propus pesquisar, por exemplo, como os entrevistados pensavam sobre o que

² Expressão usada por Malinowski em *Argonautas do Pacífico Ocidental*, quando trata do método, que significa as questões que estão fora dos questionários ou das estatísticas, que fazem parte da vida cotidiana.

acontece depois da morte, me vali das entrevistas com roteiro pré estabelecido. Foram entrevistas semi estruturadas, gravadas com a autorização dos informantes, cujo roteiro em nenhum momento foi impeditivo de que falassem acerca de outros assuntos, havendo inclusive entrevistas longas em que há narrativas de vida. A vantagem da entrevista, apesar de ser também uma interpretação, é um método que com maior precisão, consegue dar conta da compreensão detalhada das crenças, valores, atitudes, motivação das pessoas que estão sendo entrevistadas (GASKELL. 2003).

A escolha do universo de pessoas a serem entrevistadas, obedeceu inicialmente a dois grandes grupos – católicos e fiéis da Assembleia de Deus, os chamados grupos naturais (GASKELL.2003) onde a interação se dá por partilharem, os atores sociais, de um passado ou um projeto de futuro comum, ou por compartilharem ainda interesses semelhantes, seria aquilo que tratei por grupos ou redes de sociabilidade.

Entrevistei vinte e nove pessoas entre os dias 04 a 24 de janeiro de 2010, e para que a amostra pudesse ser representativa escolhi conversar com pessoas de diferentes idades, sexo, status e religião, que considero suficiente porque “mais entrevistas não melhoram necessariamente a qualidade, ou levam a uma compreensão mais detalhada”, (GASKELL. 2003:71), por acreditar, o citado autor, que há um certo ponto de saturação onde as opiniões sobre o fato começam a se repetir, pois as representações de tais experiências não surgem das mentes individuais, e sim são resultados de processos sociais. A razão pela qual escolhi entrevistar tantas pessoas, foi tentar entender o mais genericamente possível, como elas pensavam as questões que eu buscava compreender. Como no meu caso, a pesquisa de campo antecedeu a etapa da qualificação do projeto, minha preocupação maior era necessitar de alguma informação que a etnografia não tivesse conseguido cobrir, e não ter tempo de retornar a campo.

Anteriormente a permanência em campo, durante todo o mês de janeiro de 2010, havia estado lá três outras vezes. A primeira delas aconteceu em 1989, durante dois ou três finais de semana, quando realizei uma pesquisa para a disciplina Sociedades Camponesas que originou meu interesse sobre este tema. Naquela época os familiares do morto “preparavam o corpo” em casa, a cova era ”riscada”, isso quer dizer que marcava-se o lugar onde enterrar para que não ficasse um corpo sobre o outro, fazia-se companhia para a viúva após o enterro e mantinha-se a casa fechada por oito dias após o “passamento”. Essas práticas desapareceram neste período de 20 anos. A segunda ocasião em

que fui a campo foi em setembro de 2008, especificamente busquei investigar se o “ataque³”, era ou não uma doença mental para a disciplina Religião e Saúde Mental ministrada pelo Prof. Dr. Alberto Groisman e, a última, no dia dos mortos no ano de 2009, em que fiz uma longa observação participante, ficando durante todo o dia nos cemitérios e na igreja católica.

Roberto Cardoso de Oliveira defende o uso do modelo nativo, que é aquele formado pelas explicações fornecidas pelos membros da comunidade investigada, como matéria-prima para o entendimento antropológico, alertando para a necessidade de saber ouvir, pois as ciladas da entrevista estão nas diferenças dos idiomas culturais entre o mundo do pesquisador e o do nativo e a superposição de duas subculturas que afetam o pesquisador: a brasileira e a antropológica. (CARDOSO DE OLIVEIRA.2006), e naquilo em que a observação do rito não foi suficiente para elucidar, usei esses modelos, que obtive através das entrevistas.

Creio que morar no bairro rural tornou possível a percepção destas *nuances* da vida e do discurso cotidiano. Nestes momentos, como não estava fazendo anotações constantes, os e as entrevistados (as) não percebiam que estavam sendo observados (as), foi uma ótima oportunidade para captar declarações espontâneas, que para Becker (1999) têm mais valor pois são mais fidedignas. Há também que se levar em conta que os membros de um grupo oferecem certos tipos de respostas e atitudes, quando estão sozinhos com a pesquisadora ou em grupo. Neste aspecto Roberto Damatta (1987) dá um exemplo, percebido por ele em suas pesquisas, que um pai de família se entrevistado no recesso do seu lar é conservador em suas respostas, ao passo que se a entrevista ocorre no âmbito público, ele falará de assuntos com maior liberdade, como sexo, ou religião, que jamaisalaria em casa.

Esta inserção em tempo integral em São Tomaz me possibilitou um olhar mais apurado sobre os hábitos, os discursos, as práticas da vida cotidiana. Isso resultou também em muitas anotações na caderneta de campo. Permaneci hospedada na residência de um casal

³ - É um desmaio onde a pessoa fica com as mãos rígidas, perde a consciência por um tempo curto que não excede 15 minutos, pode babar e machucar-se pois cai onde estiver, podendo ser precedido de um guincho ou um lamento alto ou de um choro excessivo. Tratarei mais detalhadamente dele no transcorres deste escrito. Isto é bastante comum na região nas mortes trágicas ou inesperadas, e é exclusivo das mulheres. Há várias formas de reanimar a pessoa, e o evento pode ser de repetição, no sentido de que a mesma pessoas pode ter vários desses ataques durante um mesmo velório e/ou enterro.

católico, integrante da coordenação da igreja, cuja esposa possui uma loja e atende toda a comunidade, independentemente da religião. Esse motivo, aliado ao fato de serem muito admirados localmente, facilitou as entrevistas. A indicação deles foi um passaporte para ser aceita no grupo como pesquisadora. Também foi muito importante estar com eles pelo fato de que todas as notícias sobre o que acontecia chegavam nesta casa, rapidamente.

Durante minha permanência em campo, participei de dois cultos na Assembleia de Deus e de duas celebrações na Igreja Católica. Também estive presente em quatro enterros, três deles na própria comunidade, de homens católicos e o quarto na localidade vizinha de uma mulher, católica também. Durante todo o tempo em que fiquei no lugar as pessoas tinham conhecimento do que eu estava estudando, e por conta disso, em alguns momentos fui alvo de brincadeiras, em que associavam a morte a minha presença.

No primeiro capítulo procedo à introdução do tema mostrando como aconteceu a pesquisa, quanto tempo de permanência em campo, o que busquei com o presente trabalho, bem como a metodologia usada. No segundo capítulo contextualizei o campo de estudos, descrevendo como é a comunidade em seus aspectos físicos e organizacionais, e por conta disso tratei também de relatar como acontece a sociabilidade neste bairro, e discuti a escolha do conceito de bairro rural para definir o lugar estudado. No terceiro capítulo procedi à descrição etnográfica dos quatro ritos fúnebres que assisti. Por fim no quarto capítulo discuti os conceitos de religião e rito e com base nas escolhas teóricas, analisei os ritos fúnebres, fazendo um *link* entre a teoria e os dados recolhidos na etnografia. Analisei também como as fases dos ritos de passagem proposto por Van Gennep se apresentavam em São Tomaz, bem como identifiquei dentro dos ritos quais as práticas necessárias à sua eficácia e quais eram fruto de escolhas, não comprometendo o alcance de seus objetivos rituais. Analisei ainda a morte laica e por fim alguns aspectos do cemitério local. A observação dos ritos fúnebres e a entrevista com os moradores do bairro puderam confirmar a hipótese inicial de que em São Tomaz toda morte está ligada a um ritual religioso e que cada religião conduz este rito de acordo com seus dogmas e assim conclui este trabalho.

Capítulo 2. Contextualização do Campo de Estudos

São Tomaz é um distrito do município de Imaruí⁴, cidade do sul do Estado de Santa Catarina, distando 20 quilômetros da sede cujo acesso se dá por uma estrada de terra, por onde ao longo do percurso se vislumbra, a lagoa, que recebe vários nomes: Lagoa do Mirim, Lagoa de Santo Antônio e Lagoa de Imaruí. Os vilarejos⁵ no sentido cidade - São Tomaz são: Praia do Lessa, Ribeirão do Imaruí, Ponta Grossa, Recanto das Flores, Fazenda Rio das Garças, Aratingaúba e São Tomaz; e no sentido São Tomaz – Km 37 (BR 101 sentido sul) são: Samambaia, Sítio Novo, Siqueiro, Pescaria Brava, Barreiros e Km 37, estes quatro últimos já localizados no município de Laguna, pois o lugar possui duas rotas de acesso.

Foi em 1890, desmembrado do de Laguna, tendo como primeiros moradores “lagunenses que ali se estabeleceram com suas pescarias”. (CABRAL. 1994:254). Contam os nativos, que o lugar inicialmente era um quilombo e que se chamava “Tapado”, por causa do rio com o mesmo nome, e também por não ter saída a não ser pela lagoa. Além da população negra, que hoje é representada por duas ou três famílias, dizem que seus antepassados eram portugueses (açorianos) e italianos que vieram para trabalhar com madeira e olaria.

“...eles fugiam, pegavam canoas faziam canoas pequenas vinham, entravam no mar e invadiam essas costas aqui que não tinha entrada nem saída, então eles invadiam para cá, os portugueses como eram muito supersticiosos não invadiam porque era região de bruxa de lobisomem disso daquilo outro e eles ficavam protegidos por isso, os negros usam muito essas coisa para proteger a família deles e a visão de onde eles paravam era tudo alto lá, bem alto, para ver o mar” (Entrevista com Mileto⁶ em 19.09.2008)

⁴ -Imaruí possui uma população estimada em 2008 de 11.847 habitantes num território de 542,677 m²..Sofreu uma depopulação pelos dados do IBGE de 2007, de 15.431 passou para 11.675 habitantes. Quanto a educação possui 15 escolas e deste total apenas uma dela está localizada na sede do município, todas as demais na zona rural. É dotada de hospital, Fórum – pois comarca de entrância inicial -, Prefeitura, Câmara de Vereadores e Cartórios.

⁵ - Quando falo sobre outros vilarejos refiro-me a outras comunidades tão pequenas quanto São Tomaz, que possuem sua própria organização e igreja, e que são muitas pois a cidade possui mais habitantes morando na zona rural do que na sede do município.

⁶ -Os nomes são todos ficcionais de figuras e deuses gregos

Há transporte público regular sendo oferecido por duas empresas: Alvorada e Ematur que fazem o percurso Imaruí – Tubarão - Imaruí, em vários horários durante o dia. O meio de locomoção mais usado no bairro é a moto, mas muitas famílias possuem carros próprios. Alguns desses moradores prestam serviço de transporte de pessoas doentes para os hospitais, tanto de Imaruí quanto de Tubarão, e apesar deste trabalho ser cobrado, é um grande auxílio aos doente. Há também a utilização de carro de boi e cavalo, mas em escala bem menor. As estradas normalmente são boas, somente em períodos de chuvas, o acúmulo de água forma grandes poças que impedem a passagem de carros e ônibus, mas os moradores, conhecem caminhos alternativos para burlar esse contratempo, ou fazem o percurso de moto, que passa em quase todos os lugares.

No que diz respeito aos serviços públicos, há a Escola Estadual Luiz Félix Barreto, que oferece da pré-escola ao terceiro ano do segundo grau. As casas contam com água encanada trazida de uma rede de distribuição desde a cachoeira dos Pilões, projeto Microbacias 2 do governo do Estado através da EPAGRI⁷, mas há algumas casas que canalizam por si próprias, a água das cachoeiras. O lugar tem luz elétrica em todas as residências e iluminação pública no centro da vila, apesar dos postes serem distantes uns dos outros, e das luzes não serem muito fortes, é possível caminhar pela rua à noite. Os correios não atendem o lugar. Quando necessário os moradores deslocam-se até a sede do município de Imaruí onde buscam as correspondências que lhes são destinadas. Não há redes de esgoto, mas as casas possuem fossas sépticas. Há dois telefones públicos, uma parte da comunidade possui telefone convencional, e na outra parte as linhas ainda não chegaram, mas há um projeto para que atenda a todos. Os sinais dos telefones celulares são precários, pois a região é cercada por muitos morros mas há pontos estratégicos onde se consegue falar melhor e certas operadoras de telefonia são mais fáceis de proceder a comunicação. Um posto de saúde da Prefeitura atende a população, cujo médico e dentista vêm uma vez por semana, e há uma agente de saúde, que se responsabiliza pela marcação de consultas e pela visita às famílias, bem como uma pequena farmácia. No que respeita ao comércio tem duas vendas, dois bares, um posto de venda de pão, uma sorveteria e duas lojinhas, um salão de beleza, uma oficina de motos, uma pousada e um pequeno restaurante.

As casas são em sua maioria de alvenaria (tijolos), com telhas de barro, forradas e rebocadas, e de um só piso, mas há também algumas

⁷ -Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina

construções mais simples de madeira, algumas sem pintura e ou forro interno, e outras, poucas de dois andares. Em qualquer das casas dois itens são indispensáveis; o fogão à lenha e a antena parabólica. Geralmente as cozinhas têm os dois fogões, mas o à lenha é muito mais usado e pode ficar dentro de casa ou num cômodo anexo a ela sendo usado para o preparo da comida; o movido a gás serve para esquentar água ou fazer café. Esta cozinha fora de casa é enfumaçada, escura, não tem forro, não possui armários só prateleiras e é feita com os materiais mais baratos, mas é usada por toda a família, sendo este cômodo que efetivamente serve para cozinhar, tal como identificou Carmen Rial (1992) em um estudo sobre a casa açoriana da Ilha de Santa Catarina no qual também encontrou duas categorias de cozinha: “o rancho”, que é esta mais usada e a “cozinha de mostrar”, dentro de casa e impecavelmente arrumada.

Na agricultura há basicamente duas modalidades de cultivo. Para a comercialização plantam o fumo, o arroz e a mandioca, e para subsistência cultivam pequenas roças de mandioca, amendoim, cana-de-açúcar, milho, feijão. As casas possuem quintais onde são plantados temperos, ervas para chás e folhas como couve, legumes como abobora, cenoura, chuchu e muitas árvores frutíferas, pera, acerola, goiaba, laranja, limão e gengibre. Ellen e Klaas Wortmann (1997), analisando o trabalho agrícola de camponeses nordestinos, perceberam que a casa e o quintal eram domínio exclusivo das mulheres, e em São Tomaz não é diferente.

É comum fazerem bolos e doces em casa, usando as frutas que existem no quintal. Produzem alimentos para o consumo diário. Nos quintais há criação de galinhas, patos e alguns moradores criam vacas e cavalos. Esses que têm vaca de leite produzem queijo, e coalhada. É interessante perceber nas casas que quase todas elas têm grandes freezers horizontais, muitas vezes em substituição à geladeira, pois é comum abaterem um animal, como um boi, e congelarem a carne para ir consumindo gradualmente, pois não há açougue.⁸ O peixe e o camarão fazem parte da dieta alimentar, pois é fácil a pescaria na lagoa.

⁸ -Durante minha estada no campo fui a uma festa de aniversário, que eram apenas para poucos amigos e pessoas da família, mas como o aniversariante é membro do “movimento de irmão” (movimento da igreja católica que busca congregar cristãos leigos, preferencialmente casais para motiva-los a viver o evangelho - informação recolhida do site <http://www.movimentodeirmaos.com.br>), no meio da confraternização, de surpresa chegaram cerca de 20 pessoas. A dona da casa foi tirando do freezer, salgadinhos congelados, carne para churrasco e outros víveres, e cerca de 1 hora após a chegada dessas pessoas já havia comida para todos.

Os mais velhos, em sua maioria, são aposentados como agricultores e percebem um salário mínimo de aposentadoria rural, mas essa renda, no caso das viúvas, é dobrada porque recebem também a pensão por morte do marido, o que aumenta a renda família e permite o consumo de bens, em geral para os filhos. Das cidades que estão no seu entorno relacionam-se em maior intensidade com Imaruí e com Tubarão. É comum irem a estas cidades, para médicos, para receberem suas aposentadorias e para comprarem bens que na localidade não existem, como móveis e utensílios domésticos maiores. Em Imaruí utilizam o banco, compram o suprimento mensal de mantimentos daquilo que não produzem e os transportam de ônibus (foto 01), e vão resolver questões no Fórum, Prefeitura ou Justiça Eleitoral.

A relação que possuem com Tubarão que é mais distante, cerca de 40 quilômetros, é para situações que requerem mais especialização, compras de itens mais sofisticados ou especialidades médicas, e até internação, pois o hospital dessa cidade é referência na região, e também como nela está alocada a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), alguns moradores jovens estudam lá.

Ao término do segundo grau, os jovens saem para trabalhar em outras cidades. Há “filhos da terra” morando em São Paulo ou Joinville, pessoas estas que saíram em busca de emprego acabaram constituindo família, e não retornaram. Atualmente a maioria dos jovens, após completar o segundo grau no próprio bairro, vai trabalhar e morar em Tubarão. Esta mudança se deu pelo fato de haver um empresário, dono de uma tecelagem de malhas⁹ e uma fábrica de jeans, que recruta e dá treinamento a grande parte destes jovens que querem trabalhar. Eles retornam ao bairro nas festas e finais de semana, e durante a semana, a população do bairro é composta predominantemente por pessoas mais velhas, estudantes e crianças.

A religião é um aspecto da vida muito importante, e que está presente no cotidiano de São Tomaz. São duas religiões: a Assembleia de Deus, com duas igrejas e a católica. A igreja dos pentecostais, muito bem cuidada e decorada, é menor do que a dos católicos, não possui nenhuma imagem de santo, e, no lugar onde num templo católico estaria o altar-mor, há uma cortina de voile bege com bandô de cetim verde, que cobre toda a parede numa extensão de aproximadamente 10 metro.

⁹ -Beckauser malhas, cujo dono pretendia colocar a fábrica na comunidade, sendo que desistiu da ideia por conta da estrada que por não ser boa, dificultaria ao escoamento da produção. Desta feita, construiu uma mansão, e passa lá finais de semana, mandando inclusive lajotar toda a frente de sua propriedade. Essa casa chama a atenção por ser destoante de toda a paisagem rural.

Há uma mesa com uma toalha que faz as vezes de púlpito, adornada com um arranjo de flores artificiais, colocado sobre um tablado que possibilita ao dirigente do culto ficar um pouco mais alto do que a plateia. Ela é mais vazia, porque sem imagens e altares os espaços permanecem mais livres. Sobre o citado patamar há uma caixa de som com um teclado onde executam os cânticos acompanhados deste instrumento musical. Não usam tampouco velas, ou sino somente flores. Comporta duas ordens de bancos com um corredor central e dois laterais para a circulação. Os fiéis da Assembleia de Deus relatam que a construção da segunda igreja não foi por divergências ou dissidências religiosas, mas pela distância que separa suas casas do templo, resolveram, em dado momento, construir um novo espaço, que atendesse a vizinhança. Assim há a localizada mais ao sul, uma construção de material, pintada de amarelo (foto 5), alocada em um morro tendo no seu lado direito, um cemitério. A outra fica num espaço dentro do vilarejo numa parte dele chamada de Vila dos Rocha (foto 6), é de madeira azul desbotado, pequena e singela e fica à beira da estrada, num lugar plano, e mais ao norte. Os obreiros¹⁰, que atendem a cada uma delas são diferentes e a que fica situada ao norte, pelo que constatei nas entrevistas realizadas com quatro pessoas que nela professam sua fé, é mais conservadora no cumprimento dos preceitos religiosos, no sentido de não tolerarem transgressões como cortes de cabelo ou de vestimentas “mais modernas”.

A igreja dos católicos (foto 2) fica numa parte alta, no centro da vila, uma construção que chama a atenção, pintada de rosa antigo, com sua única torre onde está o sino. A construção foi iniciada em 13/05/1963 e terminada em 29/07/1973. O santo padroeiro é São Tomaz de Aquino, e a festa em homenagem acontece em julho coincidindo com a data da inauguração da igreja e não com o dia em homenagem ao santo que é 28 de janeiro. No interior há bancos de madeira, e nas laterais várias imagens de santos, um coro sobre a entrada principal, nos fundos a sacristia, e uma capela do santíssimo¹¹, ao lado direito, considerando a posição do observador como de frente para a igreja. O átrio é todo lajotado, tendo atrás o cemitério (foto 3), a esquerda o salão paroquial e um quiosque semelhante a um coreto e mais abaixo nesta mesma direção o campo de futebol. A direita há uma pequena casinha onde foi

¹⁰ - E a pessoa responsável pela igreja local, cujas atribuições vão de cuidados com o patrimônio físico, até a pregação.

¹¹ - É o lugar onde normalmente se localiza o sacrário, apresentando uma decoração mais nobre e magnificente do que o restante da igreja. É o local onde fica o santíssimo sacramento ou seja Jesus Cristo eucarístico.

depositada a cruz de madeira, a santa cruz, que pertencia a primeira igreja do lugar.

Os católicos contam com maior número de fiéis. Cobram o dízimo no percentual de 1%, e criaram uma organização em que cada um dos dirigentes se responsabiliza em cobrar dos seus vizinhos e esta renda auxilia na manutenção da igreja, do salão e do cemitério, e parte é remetida à diocese. Os crentes¹² são em menor número mas também coletam o dízimo de 10% de seus ganhos mensais, valor destinado a manter a igreja, remunerar o pastor e financiar os missionários, que estão em evangelização pelo mundo¹³.

Os dirigentes das igrejas moram todos fora da comunidade. O padre da igreja católica mora na sede da Paróquia em Imaruí e vem à comunidade apenas uma vez a cada mês, e os trabalhos religiosos são feitos por Ministros da Eucaristia¹⁴. Na Assembleia de Deus, o Obreiro, recém-empossado da igreja mais ao sul, mora na vizinha comunidade de Sitio Novo, e o da Igreja mais ao norte mora em Imaruí.

Nos finais de semana e feriados, o vilarejo recebe muitos visitantes, de lugares próximos e de outros mais distantes, que vem para desfrutar da Cachoeira do Rio Pilões. Ela é boa para banho e há inclusive um restaurante as suas margens. Mas a comunidade também recebe os jovens que trabalham em Tubarão e que vem para casa nos finais de semana, então sempre é muito mais movimentado.

2.1 São Tomaz: um Bairro Rural

Historicamente no Brasil o camponês, como categoria de análise, era inexistente até a década de 1950. Além da invisibilidade desta categoria também havia a noção de que o interior era isolado e ‘atrasado’ e que o ‘progresso’ estava nas cidades da costa. Esta visão está em obras como “Os sertões” de Euclides da Cunha, “Casa Grande e Senzala” de Gilberto Freyre e “Sítio do Pica-pau Amarelo” de Monteiro

¹² - Fiéis da Assembleia de Deus que assim se autodenominam e são denominados pelos católicos.

¹³ -Podemos perceber a discrepância de percentuais recolhidos a título de dízimo: os crentes 10% e os católicos 1%

¹⁴ -O ministro extraordinário da comunhão é, na Igreja Católica, um leigo a quem é dada permissão, de forma temporária ou permanente, de distribuir a comunhão aos fiéis, na missa ou noutras circunstâncias, quando não há um ministro ordenado que possa fazer

Lobato e contribuiu para um pensamento ainda hoje aceito no senso comum, de que o campo é distante e isolado. (QUEIROZ.1973). Lia Fukui (1979), cita Caio Prado Júnior¹⁵, como um dos autores que manteve a invisibilidade, e diz que duas obras foram fundantes em trazer à tona o pequeno produtor rural: a de Nice Lecocq Muller¹⁶ e a de Jacques Lambert.¹⁷ A primeira um estudo localizado no interior de São Paulo, em que a autora trabalhou com o conceito de sitiante, definindo-o como “todo o pequeno produtor rural que, responsável pela lavoura trabalha direta e pessoalmente a terra com a ajuda de sua família e, ocasionalmente, de alguns empregados remunerados” (MULLER,L.N. apud FUKUI.1979:76), e o segundo porque ao desconstruir a ideia de que o Brasil era um país monocultor, lançou um novo olhar sobre a policultura, mostrando que esse pequeno produtor rural, fornecia alimentação à época para 60 milhões de seres, uma importância inegável. Maria Isaura Pereira de Queiroz reconheceu a importância da categoria sitiante para os estudos no Brasil e fez uso do conceito em suas obras,¹⁸ mas aliou a ele as noções culturais criadas por Antônio Cândido em *Parceiros do Rio Bonito*.

Foi a partir destes estudos, principalmente o de Antônio Cândido, para quem tanto o sitiante como o fazendeiro são donos da terra, cuja diferença entre eles está no emprego ou não de mão de obra estranha à família (CANDIDO.1971), que Maria Isaura Pereira de Queiroz¹⁹ distinguiu duas categorias os sitiantes tradicionais ou camponeses, que trabalham a terra para viver sem objetivo de lucro e os modernos, ou agricultores que trabalham a terra como profissionais e estão voltados para a comercialização de sua produção. Pereira de Queiroz conceitua o camponês, economicamente como alguém cujo objetivo é plantar para o consumo, e sociologicamente, como uma camada subordinada (econômica, política e social) dentro de uma sociedade global à uma camada superior que tanto pode ser uma elite senhorial, quanto urbana. (QUEIROZ.1973).

A meu ver, o conceito de Queiroz representa um retorno a dicotomia de Redfield²⁰, e de Caio Prado Júnior. Esta subordinação

¹⁵ - Formação do Brasil Contemporâneo, 1959

¹⁶ -Sítios e Sitiantes do estado de São Paulo, 1951

¹⁷ - Os Dois Brasis- 1959

¹⁸ - “uma categoria rural esquecida”, um artigo publicado em 1963 e na obra *Bairros Rurais Paulistas* de 1967.

¹⁹ -in *Bairros Rurais Paulistas*, Revista do Museu Paulista, 1967

²⁰ - Em sua teoria conhecida como folk-urbano, onde há uma gradação entre o rural e o urbano, de modo que quanto mais sai do rural para o urbano menor é o isolamento maior a

defendida pela autora é estanque e generalizadora, pois fixa toda a relação de qualquer sítio, como sendo sempre subordinada ou ao latifundiário ou à cidade, tendo uma marcada relação de poder e dominação, o que não se aplica a muitas situações camponesas, num país com tanta diversidade como o Brasil. Creio que esta relação de subordinação poderia se aplicar no momento histórico dos estudos de Queiroz, a década de 1970, mas precisamos considerar a sociedade globalizada em que vivemos hoje e que este sítio, se relaciona com o mundo à sua volta, quer seja circulando nas cidades vizinhas, quer seja pela internet ou pela mídia televisiva e radiofônica, e que por outro lado não há como limitar a relação entre campo e cidade de forma tão fechada, pois dependendo de onde este ‘campo’ está situado e que ‘camponês’ ele é, muitas outras relações serão construídas além dos limites deste conceito.

Antônio Cândido, em 1971²¹, cunhou o conceito de bairro rural definindo-o como sendo a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistido no agrupamento de algumas ou muitas famílias vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico religiosas. O autor pontua que às vezes, nestes lugares, pode-se ter a impressão de que o isolamento entre as casas é segregador, mas isso não é real, pois os moradores estão integrados a este extenso grupo de vizinhança (CANDIDO. 1971). Estes bairros comportam duas subdivisões. Os centrífugos são aqueles em que há um mínimo de interação entre os sítios e os centrípetos onde a interação é intensa, e há maior convergência dos vizinhos às atividades comuns. Subdivide ainda o conceito em duas óticas de análise: a econômica e a cultural. Na primeira, o que o caracteriza é o trabalho coletivo. Um bairro rural seria “(...)um agrupamento territorial, mais ou menos denso, cujos limites são traçados pela participação dos moradores em trabalhos de ajuda mútua. É membro do bairro quem convoca e é convocado para tais atividades. A obrigação bilateral é aí elemento integrante da sociabilidade do grupo, que desta forma adquire consciência de unidade e funcionamento.” (CANDIDO.1971:67).O segundo aspecto do conceito, o cultural, diz respeito à sociabilidade vicinal, pois há uma série de atividades que tem por universo o grupo rural de vizinhança. Assim nesta definição antropológica, o bairro rural é “ (...) o agrupamento mais ou menos

heterogeneidade, mais complexa a divisão do trabalho, associados a processos de secularização e individualização.

²¹ - Os parceiros do Rio Bonito, 1971.

denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores nos festejos religiosos locais” (idem:71).

Na caracterização do que seja o bairro rural, Cândido mostra que neste território de povoamento com casas afastadas uma das outras a distancias variáveis, existe também um núcleo onde as habitações são mais compactas e onde estão alocados os dois principais espaços sagrados, a igreja e às vezes o cemitério. Mais do que isso o que define o bairro é o sentimento de localidade de seus moradores, que depende não apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias, de modo que os moradores têm consciência de pertencer, formando uma certa unidade diferente das outras. A definição de bairro rural de Antônio Cândido com contornos muito mais culturais de pertencimento do que econômicos, foi revisitada em trabalhos como o de Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973a), Lia Freitas Garcia Fukui (1979) e de Spaggiari (2008).

Foi este o conceito clássico da literatura antropológica brasileira, o de bairro rural, que elegi para o presente trabalho, pois em São Tomaz, constatei durante as visitas e a pesquisa de campo, vários aspectos que caracterizam o conceito. Espacialmente o bairro é dotado de um centro onde estão alocados a igreja, o salão paroquial, o cemitério, a escola e uma venda²². Neste espaço há várias casas umas mais próximas das outras, mas saindo dele e se distanciando, as moradias são mais esparsas, a vizinhança mais distante, semelhante ao conceito definido por Antônio Cândido (fotos 04, 07 e 08). O aspecto econômico citado pelo autor, de mútua ajuda, também existe, embora seja menos marcante do que o aspecto cultural do conceito, devido a forte importância que percebi na comunidade dos rituais religiosos e festivos. Durante o último período em que lá residi (Janeiro de 2010), quando saía para realizar as entrevistas, em muitas ocasiões encontrei os vizinhos se auxiliando mutuamente no trabalho com o fumo. Esta espécie é a mais cultivada para a comercialização, embora haja outras como a mandioca, mas sem dúvida é o fumo a mais lucrativa e de onde provem suas maiores rendas. A colheita é trabalhosa na medida em que precisa ser feita em etapas, na proporção do amarelamento das folhas que ocorre de baixo para cima, há na sequência a atividade de secagem que demanda uma temperatura alta e constante, depois a classificação e separação das folhas e por fim a amarração das mesmas em molhes, e isso requer um trabalho árduo que consome dois ou três meses da vida

²² - É um armazém pequeno que vende mantimentos, cigarros, fumos de corda, bebidas, e doces.

dos plantadores. Estão integrados na produção de fumo articulada com indústrias como a Souza Cruz ou outras do ramo, como já estudou Maria Ignez Paulilo (1986).

É interessante dizer que este auxílio vem de grupos de vizinhos próximos e parentes, pois é comum no lugar a parentela morar lado a lado. Os fiéis da Assembleia de Deus também moram próximos uns dos outros, o que leva o auxílio a ser basicamente entre familiares e participantes da igreja. No que tange aos católicos, não foi possível identificar se o grupo religioso era determinante na ajuda com o fumo, pois como eles são a maioria, a identificação dessas redes, necessitaria mais tempo, de qualquer maneira uma coisa é certa: a ajuda não envolve a comunidade como um todo mas redes de reciprocidade mais restritas.

Já no que respeita as agregações religiosas, contempladas pelo conceito clássico de bairro rural, foi o que de mais marcante encontrei no lugar. Todas as reuniões e as festas são na sua maioria, religiosas. Neste aspecto, posso relacionar entre os católicos as festas do santo padroeiro e as festas envolvendo grupos de jovens e de terceira idade. Também destaco a presença dos grupos de oração, as atividades da Congregação Mariana e do Apostolado da Oração²³ e por fim o que foi o foco desta pesquisa, o dia de finados e os rituais vinculados a morte. Há a visita da mãe peregrina, uma santa que percorre as casas onde recebe oração e é acompanhada pelos fiéis. As reuniões são constantes para preparar as cerimônias dentro do calendário religioso da igreja e outras para arrumar a igreja para a páscoa, para a semana santa, para o natal e para a encomendação²⁴. As festas relativas a esfera da vida privada também comportam sempre uma parte religiosa. Todos os católicos, em maior ou menor grau, estão sempre envolvidos com a igreja, a sociabilidade se dá no grupo religioso e por causa dele, mas não exclusivamente. Os católicos não são a única religião organizada e com igreja como citei anteriormente, há os crentes da Assembleia de Deus, e estes também reúnem-se nas suas festas religiosas, ou nos seus grupos de oração, reúnem-se para preparar seus cultos, para ensaiar cânticos e arrumar e limpar a igreja, bem como nos rituais de morte. Por não terem um calendário religioso tão estreito e com datas tão fixas quanto os

²³ -Congregação Mariana é uma associação pública de leigos católicos, formada por cristãos católicos que procuram seguir melhor o cristianismo através de uma vida consagrada à Mãe de Deus, a Virgem Maria. E o Apostolado da Oração constitui uma associação de fiéis que, pelo oferecimento diário de si mesmos unidos ao sacrifício eucarístico e pela união vital com Cristo, colaboram na salvação do mundo .

²⁴ - Oração por um defunto, feita antes da inumação do corpo; encomendação do corpo. (Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

católicos, e por não haver culto aos santos, os trabalhos religiosos são menos volumosos. Também em relação a eles não vi nenhuma reunião que não tivesse um momento religioso, incluindo os casamentos, batizados, aniversários, de sorte que mesmos aquelas envolvendo espaços mais privados de sociabilidade como a família, têm também caráter religioso pois são realizadas em rituais na igreja católica e/ou no templo.

O conceito original proposto por Cândido (1971) previa estas duas esferas, mas especificamente no presente estudo a maior ênfase é dada ao seu aspecto cultural, até porque é necessário pensar que a homogeneidade percebida por ele e que levou ao conceito não mais existe. Lidou com uma sociedade em que o auxílio vicinal era imprescindível para a sobrevivência sendo a agricultura a mais importante fonte de renda. Em São Tomaz vivem também das aposentadorias e pensões por morte, do trabalho na fábrica de *jeans* (dos jovens), dos pequenos comércios, da remuneração de professor. O aspecto cultural é mais marcante. Essas manifestações acontecem na sua maioria nos eventos religiosos, mas há outros eventos que devem também ser considerados, como terno de reis²⁵ e o boi de mamão²⁶, que auxiliam na reafirmação da identidade dos moradores.

Um dos motes do conceito de Antônio Cândido é o pertencimento à comunidade. Em São Tomaz isto se dá de forma bastante pronunciada. É possível identificar duas esferas de pertencimento, que não são exclusivas e que podem atuar imbricada ou simultaneamente. A primeira delas é pertencer a religião em primeiro plano e à comunidade em segundo plano. A segunda é pertencer à comunidade prioritariamente e à religião, secundariamente. Enquanto bairro rural e em busca de objetivos comuns que beneficiem a todos, o pertencimento à comunidade aparece mais fortemente. As diferenças religiosas desaparecem e todos juntam-se com o objetivo único de alcançar o fim que traz benefício ao lugar. Reúnem-se para reivindicar questões ligadas ao posto de saúde, ao dentista, as melhores condições da estrada ou da escola. A fé professada é subsumida em ser um habitante de São Tomaz e buscar o que é melhor para a comunidade. No que respeita ao segundo aspecto, enquanto grupo religioso, buscam o auxílio de seus pares na fé e na sua igreja como um todo. Observei isto

²⁵ -Também conhecido por Reis, são festas populares dedicadas aos reis magos, em que saem, os moradores com instrumentos musicais e vão visitando as casas e cantando. (CASCUDO.1984)

²⁶ -variação do bumba meu boi em Santa Catarina (CASCUDO.1984)

em dezembro de 2009, quando houve um enorme vendaval com chuva de granizo que danificou integralmente o telhado do salão paroquial, e em 10 dias os católicos arrecadaram uma vultosa quantia, cerca de 28 salários mínimos, considerando o poder aquisitivo local, e recuperaram totalmente o prédio, num curto espaço de tempo. Uniram-se enquanto católicos em prol de um prédio pertencente à igreja mas de uso coletivo, uma vez que este salão paroquial é usado igualmente para as festas de ambas as religiões. No caso dos crentes, meus informantes narraram que costumam fazer doações, anônimas, para aqueles irmãos²⁷ necessitados, bem como mantêm os pastores missionário que “correm o mundo pregando a palavra de Deus”, além de pagarem com extrema regularidade o dízimo que mantem a igreja.

Ainda dentro da definição proposta por Antônio Cândido, cabe ressaltar finalmente, que segundo Lia Fukui (1979) o bairro não é uma unidade isolada, fazendo parte de um conjunto mais amplo, seja o distrito ou o município, que o cerca. Neste aspecto em São Tomaz as pessoas compram produtos não disponíveis na comunidade nas cidades vizinhas, usam os serviços médicos, estudam, passeiam e trabalham.

2.2 A sociabilidade do Bairro Rural

Inicialmente, ao usar o termo sociabilidade adoto o conceito proposto por Georg Simmel que diz “...a própria sociabilidade, em geral, significa a interação entre indivíduos. Essa interação surge sempre a partir de determinados impulsos ou da busca de certas finalidades” (2006:59). Para ele cada sociedade pode diferenciar forma e conteúdo, e os objetivos pelos quais as pessoas se sociabilizam são os mais diversos, como impulsos religiosos, ajuda, jogo, conquista, doutrinação erotismo e tantos outros fazem com que o ser humano entre, com os outros em uma relação de convívio, de atuação com referencia ao outro, com o outro e contra o outro. Com isso ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeito por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma ‘sociedade’. (Idem.2006).

Pensando a partir do conceito acima, em São Tomaz existem muitos grupos de sociabilidade que interagem mais frequentemente entre si. Para fins desta pesquisa me detive a apenas dois grupos

²⁷ -forma de tratamento que os crentes designam seus pares religiosos.

formados pelas religiões: Católica e Crente. Os primeiros se reúnem nas quintas-feiras para procederem a adoração do sagrado coração de Jesus, à noite, na igreja, além disso, têm semanalmente reuniões do grupo de jovens, apostolado da oração, grupo da terceira idade e a celebração²⁸, às 9:00 horas, todos os domingos. Os crentes da igreja do sul (que foi objeto de minha investigação) se reúnem nos sábados à noite para o culto; nas quintas-feiras à noite, e nas terças-feiras, pela manhã, no grupo de oração. Os encontros para fins religiosos, sejam eles de católicos ou de crentes são os momentos de maior sociabilidade entre os grupos.

Atualmente a relação entre os fiéis das duas igrejas é boa. Mas não foi sempre assim. Durante a realização das entrevistas, os crentes contaram que no início da sua igreja havia uma grande hostilidade entre esses dois grupos religiosos, chegando a atitudes mais agressivas como cuspirem e xingarem-se uns aos outros. Os católicos acusavam-nos de serem desorganizados e barulhentos na sua prática religiosa. Essa ‘desorganização’ pode ser debitada ao fato de que a parte inicial do culto, durante a primeira meia hora, cada um louva e agradece a Deus de seu jeito particular e alguns fazem isso em voz alta, havendo uma profusão de vozes e sons. Além disso se ajoelham de costas para o altar, utilizando o espaço do templo de forma diversa dos católicos, o que para estes era interpretado como desorganização. Os crentes acreditavam e acreditam que a salvação está com eles e que adorar imagens de santos é “idolatria” e acusam assim os católicos de “idólatras”. Também buscam evangeliza-los, pois isso faz parte dos objetivos dos crentes enquanto fiéis, como faz referencia o trabalho de Regina Novaes (1985). Esse conflito foi tão acirrado, que culminou com a proibição dos católicos de que os crentes enterrassem seus mortos em seu cemitério. Eles não lembram exatamente quando isso aconteceu, mas creio que deva ter sido um momento muito difícil na medida em que num determinado dia, algum crente precisou ser enterrado e o cemitério não foi franqueado à sua família. Por conta disso, um “irmão” dono de algumas terras doou a área e foi construído um cemitério para os crentes.

Os crentes mais velhos de São Tomaz são ex-católicos que em certo momento, “aceitaram Jesus” e passaram a professar outra religião. Os mais jovens que já nasceram em famílias cujos pais eram pentecostais, sempre professaram a religião, não havendo por partem deles a conversão, diferentemente da comunidade rural do agreste de

²⁸ -É o culto substitutivo da missa conduzido pelos ministros da eucaristia.

Pernambuco estudados por Regina Novaes (1985), onde eram católicos que se opuseram a lei dos pais e num movimento de descontinuidade abandonaram o catolicismo e passaram para a “comunidade de irmãos”. No caso em que investiguei a geração dos “pais” é que rompeu com uma religião para adotar outra. Durante as entrevistas com esses pentecostais, uma das perguntas versava sobre o porquê haviam se convertido. As respostas foram de três ordens, a saber: alguns sentiram um chamado do espírito santo, ou de deus; outro por acreditarem que os preceitos da igreja como jejuar e orar os salvaria; e o último grupo porque aconteceu algum fato em suas vidas e, diante da obtenção de uma graça, prometeram e se converteram à igreja.

Creio ser importante, neste passo, mesmo que resumidamente explicar quais são os preceitos da Assembleia de Deus enquanto religião. É uma Igreja do grupo das Pentecostais, que “... toma o nome do incidente que está na origem da igreja cristã, a descida do Espírito Santo no dia de pentecostes...”(FRESTON. 1994:107. NOVAES.1985) surgiu no Brasil em Belém do Pará em 1910 pelo trabalho de dois missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg. A hierarquia dentro desta igreja é: auxiliar, diácono, presbítero, evangelista e pastor, e apesar da ascensão de um cargo a outro ser demorada, uma de suas características é não haver um abismo entre o clero e os leigos. Nela o pastor é merecedor de muito respeito pois é ‘ungido do senhor’ (FRESTON.1994; NOVAES.1985). Difunde, entre os fiéis a leitura da bíblia, e recruta seus diáconos e pastores entre pessoas de pouca instrução, mas que com muita humildade falam uma linguagem compreensível pelo povo. O pentecostalismo é milenarista, rejeita o liberalismo que diminuiria a autoridade das Escrituras, salvacionista não pelas obras mas pela graça por meio da fé. Admite a existência de um céu e inferno, do diabo como representação do mal, prega a segunda vinda de cristo, aceita a glossolalia²⁹ e a possessão pelo espírito santo, mantém as escrituras como guia ou regra de fé e prática cristã e cobra o dízimo de seus fiéis. Durante o culto a palavra é dada a qualquer um que se sentir inspirado para dizer uma mensagem, e ainda para relatar os

²⁹Fenômeno, que pode ocorrer em situação de exaltação religiosa, caracterizado pelo comportamento de certos indivíduos que começam, espontaneamente, a falar línguas desconhecidas, tidas como fruto de dom divino, mas que, geralmente são línguas inexistentes. Tais línguas, não apresentam significado sistemático para palavras ou frases, têm poucas unidades estruturais previsíveis, muitas repetições na cadeia sonora, e os falantes não conseguem repetir os enunciados como os haviam pronunciado antes. (Fonte Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa)

testemunhos de cura, de sucesso e de outros fatos extraordinários. (RIBEIRO. 1978).

Os católicos têm no Papa a figura máxima e vitalícia da hierarquia religiosa, sendo o chefe da Igreja cuja sede está no Vaticano, em Roma. Na escala descendente estão os cardeais, que reunidos num colégio são responsáveis pelo aconselhamento do sumo pontífice, seguidos pelos arcebispos, bispos, presbíteros ou padres, diáconos e leigos. Desde o Concílio do Vaticano II (1962-1965) estes últimos gozam de igualdade diante do clero em termos de dignidade mas não de funções. A doutrina católica nasceu a partir das ideias pregadas por Jesus Cristo que mostrou o caminho da salvação e da vida eterna que é considerado, para os católicos, o filho de Deus, que veio ao mundo para salvar os homens. A fé opera através da caridade e do amor, tal qual ele ensinou. A igreja católica é dogmática, ou seja acredita em verdades infalíveis, incontestáveis, sobre as quais não pairam dúvidas, mas essas “verdades” precisam ser propostas pela própria Igreja. Defende a existência dos sete sacramentos que são: O batismo, que é o momento em que o fiel é perdoado do pecado original e passa a ser filho de deus, a crisma que é a confirmação do batismo, a eucaristia ou comunhão do fiel com cristo, onde há a representação da Santa Ceia, e através da ingestão da hóstia ingere o corpo de Jesus. O quarto sacramento é a reconciliação ou a penitência, onde através da confissão o fiel se arrepende de seus pecados, é perdoado e se reconcilia com Deus, o quinto é a Unção dos enfermos, o sexto a Ordem sacramental, que concede autoridade eclesiástica para exercer funções e ministérios eclesiásticos e por fim o matrimônio.

Adoram a Deus (latria), veneram aos santos (dulia) e a Virgem Maria (hiperdulia), cujas manifestações de fé são expressas através da liturgia, que é o culto oficial e público da igreja. Dentro da liturgia destaca-se a missa (de frequência obrigatória aos domingos e dias de guarda). As principais devoções católicas são expressas em orações a Deus (pai, filho e espírito santo), a virgem Maria e aos santos (novenas, trezenas, santo rosário), a peregrinações aos lugares sagrados, a veneração de medalhas, estátuas, relíquias e imagens sagradas, procissões e outros costumes populares.

São Tomaz pertence a Paroquia de Imaruí, e por ter este município a maior parte da população alocada na zona rural, há um grande número de igrejas em todos os seus povoados (26 igrejas além da matriz). Assim como só existe um padre para atender todas elas, ele reza missa entre uma ou duas vezes por mês e a prestação dos serviços religiosos fica por conta dos leigos que são os Ministros da Eucaristia. A

participação leiga, é grande e imprescindível para a manutenção da igreja, e vai criando práticas e adaptando outras já existentes, que podem levar a um procedimento um pouco diferente daquele praticado pelo padre que seguiu uma formação teológica, e filosófica. Esses ministros que podem realizar todos os sacramentos à exceção do batismo, da crisma, da primeira comunhão e do casamento são homens e mulheres com grande importância e prestígio, porque como membros da igreja católica, encomendam o corpo, fazem enterros, conduzem as rezas, ministram a comunhão e em caso de dificuldade são sempre consultados. Miletto durante a entrevista se referiu a eles como “santeiros”. Podemos compreender esta relação entre saber e poder a partir das ideias de Foucault, em *Microfísica do Poder* em que diz que não há saber neutro, todo o saber é político e todo o saber gera o poder. (FOUCAULT. 1989). Esse *status* também é reconhecido pela igreja católica oficial, pois os padres os respeitam como lideranças locais e, no momento da morte quando no mesmo evento encontram-se com os “santeiros”, há uma divisão espacial, o espaço do padre é somente dentro da igreja, no velório, traslado do corpo até o cemitério e o enterro em si é realizado pelos “santeiros”. Há ocasiões, raras sem dúvida, em que por relações de amizade ou por ser o morto alguém de prestígio na comunidade, o padre vem rezar a missa de corpo presente ou fazer a encomendação, e neste ato o interior da igreja é o lugar do padre, e isso pode ser comprovado por uma prática muito comum, que é a de abrir totalmente o caixão. O sacerdote não aprova este momento ritual e proíbe a abertura (como no caso da quarta morte), então são colocados porta-retratos ou vasos e flores sobre o caixão fechado, mas todos respeitam, é o espaço do padre. Porém, quando ele não está presente, como nos três enterros que presenciei o caixão fica aberto durante toda a cerimônia. A ação do padre se restringe aos limites do interior da igreja, embora a cerimônia de encomendação seja compartilhada entre ele e os “santeiros”. Acabada esta etapa do ritual, o padre se retira e os “santeiros” procedem ao sepultamento, um lugar onde o padre não vai.

Apesar da divisão entre católicos e crentes observam-se momentos em que há interação de toda a comunidade, como nas situações de doença. As conversas informais que escutei entre as pessoas de São Tomaz geralmente versam sobre este tema. Perguntas sobre pessoas acamadas e seu estado de saúde, receitas com ervas para essa ou aquela enfermidade, remédios que fazem bem a isso ou aquilo, médicos bons para este ou aquele caso, são temas constantes nas

conversas. No dia dos mortos, quando realizei uma observação no cemitério anotei no diário de campo:

“As pessoas adoram falar sobre doença, recuperação e morte. Ouvi um animado papo no cemitério, creio ser a tia de Athina, que dizia que estava com problemas de coração e pulmão e que fizera um chá de macela e que ela melhorou”.(diário de campo de 02-11-2009).

Por conta de toda essa importância que é dada a doença e a saúde, também este é um momento de grande interação no grupo, onde é esperado que as pessoas visitem os doentes, e sejam solidárias nessa difícil situação da vida, particularmente se a doença é inesperada. Neste caso as relações de solidariedade transcendem a questão religiosa, independentemente dela, as visitas acontecem e as orações também. As pessoas acamadas há algum tempo dizem que querem ver fulano ou beltrano, e este “tem por obrigação” atender ao pedido. Durante minha estada em campo, uma das pessoas que estava acamada e que depois veio a falecer, mandou um recado para que um amigo o visitasse, e essa pessoa a despeito da enorme amizade e carinho não se achou em condições emocionais de visitá-lo, por não se sentir com coragem de encontrar um amigo doente. Mas finalmente prevaleceu o pedido do doente e a visita se realizou, o que foi considerado uma atitude necessária, principalmente porque posteriormente houve o óbito. As orações em ambas as igrejas são feitas para pessoas doentes, independentemente de serem irmãos ou católicos.

O bairro rural de São Tomaz é formado por aproximadamente 300 famílias, cujos ancestrais já moravam ali há várias gerações. Assim, há muitas relações de parentesco entre as famílias e entre os membros das duas religiões. Na doença o pertencimento ao “grupo de irmãos” disputa a importância com o grupo familiar, no caso de as religiões serem diversas. Uma das orientações religiosas da Assembleia de Deus é a importância crucial que a “comunidade de irmãos” tem em detrimento das relações familiares. Uma das pessoas que entrevistei, Athina, viveu uma situação de doença grave na família, cujo doente era crente, tendo uma parte da família crente e a outra católica. Segundo seu relato, no momento da doença a “família de sangue” se uniu, cuidou e ficou com ele até o final de seus dias, dividindo a despeito das diferenças religiosas, os cuidados com o doente.

O compadrio, entre os católicos também é responsável por uma ampla rede de sociabilidade. Teve sua origem na exigência contida

no direito canônico de dar à criança por ocasião do batismo dois mentores espirituais, os padrinhos, que deveriam zelar paternalmente por sua formação cristã, criando laços de parentesco, um parentesco ritual entre o padrinho, o indivíduo batizado e os pais. (SILVA.1987). Essas relações entre os envolvidos além das trocas econômicas também estabelecem obrigações morais. Alba Zaluar (1983) estudou o compadrio em comunidades camponesas e percebeu que a escolha de padrinhos se dava na figura dos patrões, e buscava reforçar os laços de patronagem. Tanto o padrinho quanto o patrão eram associados a figuras paternas protetoras as quais se deviam obrigações e com as quais, os dependentes estavam permanentemente em dívida, criando regras de reciprocidade bem marcadas. Marcos Lanna (1995) em estudo sobre o compadrio e patronagem no nordeste brasileiro, foi além das visões utilitaristas constantes das obras de Mintz e Wolf (1950) e Pitt-Rivers (1977), mostrando que como é o padrinho quem dá o nome ao afilhado, ele lhe dá a graça e intermedia a sua relação com os santos; e que essa dívida da graça não pode realmente nunca ser retribuída por completo, mas isso não significa que exclua a reciprocidade. O argumento central é que a graça coloca o afilhado e seus pais em permanente posição de endividamento em relação ao padrinho, criando uma relação assimétrica porque a dívida dos padrinhos é mais valiosa por ser sagrada, e é a razão pela qual não se nega nada a um compadre, pois a ligação se dá por um dever sagrado. Partindo destes autores, observei que em Santo Tomaz há uma extensa rede de sociabilidade advinda do compadrio e que esta instituição social também dá prestígio e cria relações importantes de obrigação e reciprocidade, embora não identifiquei estivesse ligado à patronagem. Meu hospedeiro, pessoa de muito prestígio no lugar tem mais de 20 afilhados e talvez por isto pela minha presença em sua casa tenha sido tão bem acolhida pela comunidade, visto que ele tem uma ampla rede de relações sociais estabelecidas com diferentes famílias através do parentesco ritual com seus afilhados. No entanto, em São Tomaz o compadrio é uma prática exclusiva das famílias católicas sendo, um dos traços diacríticos entre estes e os crentes.

Na Assembleia de Deus, na ocasião do batismo inexistente a figura do padrinho, não se instituindo assim com o nascimento e batizado das crianças, relações entre compadres. Eles possuem alguns afilhados, mas em decorrência das antigas relações firmadas enquanto eram ainda católicos, e que são consideradas por questões de afeto e tradição. Como essas relações são fundadas nas redes de sociabilidade, os crentes depositam a sociabilidade na “comunidade de irmãos”, pois

para eles, como aponta a literatura (RIBEIRO. 1978) esses “irmãos na fé” têm mais valor do que os “irmãos de sangue”³⁰.

No cotidiano e fora destes cultos é comum se sociabilizarem mais com o grupo de vizinhança. Como durante o dia as pessoas estão envolvidas com suas roças ou outras quaisquer atividades laborativas, a circulação nas lojinhas e na rua se dá ao final da tarde e início da noite, eu mesma quando realizei algumas entrevistas tive que proceder a visita após as 18:00 horas por causa deste fato.

Os bares são lugares de sociabilidade exclusivamente masculina e católica. As mulheres não frequentam estes lugares e os crentes, por questões religiosas, também não. Miguel Vale de Almeida (1995) tratou da sociabilidade em cafés (substitutos das antigas tavernas) em uma comunidade rural no interior de Portugal e constatou serem espaços onde são reforçadas as masculinidades hegemônicas, não através da força física, mas do controle sobre a sexualidade por atitudes como bater com as pedras de dominó na mesa, não cruzar as pernas e tocar os testículos, espaços estes onde há certas restrições às mulheres que só entram nas horas mortas, aquelas que os homens não vão. No caso de São Tomaz os bares são espaços que reafirmam a masculinidade e não presenciei nenhuma mulher que costumasse ir nesses espaços, e, na oportunidade em que entrei em um deles era eu a única mulher ali presente, o que se justificava por minha condição de pesquisadora e estrangeira ao local.

Os jogos de futebol, que acontecem nos domingos também congregam católicos de todas as idades, homens e mulheres. Os crentes não participam, pois lhes é proibido este tipo de diversão.

As festas realizadas no salão paroquial são momentos de intensa sociabilidade, principalmente dos jovens. Nestes eventos são contratados conjuntos musicais de outras comunidades, e são frequentados não só pelos jovens que ainda moram no lugar, mas por outros que trabalham fora e vem para o evento. Da mesma forma as festas do padroeiro e a da semana Santa são festas de grande monta e contam com o comparecimento das pessoas. As comemorações de casamento, 15 anos, aniversários e bodas de prata³¹, as festas de maior porte, congregam grande parte da comunidade, independentemente da religião. Mesmo tendo um culto religioso antes agregam membros das

³⁰ -Este elemento me fez pensar, em uma futura pesquisa onde buscasse analisar a assimetria das relações sociais e de reciprocidade tanto entre católicos quanto entre os crentes, no interior de cada uma destas duas comunidades, visto que na “comunidade de irmãos” as relações parecem, num primeiro olhar não serem assimétricas.

³¹ -comemoração em homenagem aos 25 anos de matrimônio.

duas orientações religiosas. No período que estive em campo, o comentário era a festa de 15 anos de Themis, da Assembleia de Deus. Normalmente as festas privadas são eventos menores e acontecem entre os familiares.

Por fim a morte, este evento também que reúne todos os moradores. Em janeiro de 2010, morreram três pessoas, todas católicas, e pude perceber a presença dos crentes nestas cerimônias fúnebres. O único comportamento diferenciado, é que eles, durante o culto religioso ficam ou do lado de fora, ou no fundo da igreja, e no velório, no momento em que os católicos estão dando seguimento as orações ficavam na rua, mas participam igualmente. Os católicos também vão ao enterro dos crentes, só não pude observar se há alguma atitude diferente, por não ter presenciado um.

O dia de finados também é um desses momentos de ampla sociabilidade principalmente em relação aos católicos. Os nascidos no lugar, ou que tem parentes enterrados nele, mas que moram em outras cidades, comparecem em grande número, dando ao evento um ar festivo, pois as pessoas vestem suas melhores roupas: as mulheres com sapatos de salto e os homens trocam as sandálias por sapatos, o que demonstra a importância do evento. Além disso trazem muitas flores. Neste aspecto há uma nítida diferenciação das usadas pelos locais das trazidas por quem mora fora. Quem mora no lugar usa flores colhidas nos quintais, ou flores artificiais, e quem mora fora traz vasos de crisântemos ou ramalhetes de flores naturais daquelas que são vendidas nas floriculturas (fotos 09 e 10). Além disso há várias rodas de conversas dentro do cemitério e fora dele, em que as pessoas atualizam suas histórias e contam o que lhes tem acontecido de novo, bem como obtém informações sobre as pessoas conhecidas. O movimento no cemitério começa as 7:00 horas da manhã, ficando completamente vazio ao meio dia e às 14:00 horas reinicia o movimento. No ano de 2009, às 15:00 horas, houve a celebração de uma missa e a igreja estava lotada e muitos dos visitantes de fora estavam presentes. O cemitério dos crentes possui um menor número de sepulturas, e nele havia flores sobre os túmulos e poucas pessoas. Uma outra situação que acontece no dia de finados, é que os crentes frequentam o cemitério católico e vice-versa, porque as pessoas têm parentes em ambos os cemitérios.

Neste capítulo descreverei o ritual da morte entre católicos de São Tomaz, a partir dos quatro eventos de funeral que presenciei em janeiro de 2010, de três homens católicos e de uma senhora, também católica, mas da comunidade vizinha de nome Aratingaúba. Optei, metodologicamente, em não proceder a análise separadamente do velório, da encomendação e do enterro, e considera-los como partes de um mesmo rito fúnebre.

Primeira morte em campo

Dia 07 de janeiro de 2010 morreu Adônis, um homem cuja idade beirava os 85 anos. O velório não foi realizado na comunidade, pois ele e sua esposa moravam em Florianópolis, com os filhos há 10 anos face suas idades propectas, os filhos acharam mais aconselhável, levá-los para morar junto deles. Assim o corpo veio para a encomendação e o enterro. Segundo o que me contaram Adônis era um católico fervoroso e participou de muitas atividades da igreja durante todo o tempo que ali residiu, além de ser uma pessoa de temperamento alegre, que com a esposa comparecia aos bailes e festas da terceira idade. Isto fez com que Dionísio, o católico responsável pela encomendação das almas, tivesse comentado com Miletto, a pessoa que constrói as sepulturas, que precisaria fazer uma bonita oração pois o morto era um católico “devotado” a Deus e merecia exéquias à altura de sua fé. Fiquei sabendo que Adônis havia morrido de manhã e que o corpo chegaria na igreja às 13:30 horas pois os filhos haviam telefonado pedindo para tocar o sino e avisar as pessoas da comunidade. Aprendi então que a primeira providencia a ser tomada quando um católico morre, quer seja velado na comunidade, quer não, é tocar o sino. Este ato tem por objetivo avisar as pessoas que alguém morreu. Há hoje duas formas de toca-lo, uma para pessoas adultas independente do sexo e outra para crianças. Para os adultos a batida é pam, pam pam, forte, onde se puxa a corda e a segura para fazer o som grave, e para crianças é repicado pim, pim, pim ou seja, um som mais fraco onde se puxa menos a corda para fazer um tom mais agudo no toque do sino. Naquele momento em que estava sendo tocado o sino, que é puxado do cor da igreja através de um mecanismo em que ajustaram uma corda longa, para não precisar subir até a torre, Dionísio me contou que antigamente

havia o hábito de bater o sino tantas vezes quantas fossem a idade do morto, mas que hoje essa prática foi desprezada.

Após o almoço a igreja foi totalmente aberta, todas as portas frontais e laterais foram escancaradas e arrumado o espaço para receber o morto. Esta arrumação consistia na disposição de um par de suportes metálicos onde o caixão seria colocado, e arranjos florais feitos por Afrodite, com espécies colhidas no próprio jardim da igreja - arranjo que ficou muito bonito - e velas. As pessoas chegaram e ficaram aguardando o corpo. Mileto me contou que Adônis, homem prevenido, já havia providenciado a sepultura e que ele iria ajeitá-la. Aprendi assim que uma das práticas locais é não enterrar diretamente no chão e que todas as pessoas têm caixas de cimento: umas mais ricas outras mais simples, mas todas revestidas com piso cerâmico ou azulejo.

Chovia muito neste dia, e o traslado do corpo atrasou. Por volta de 17:30 horas o carro funerário apontou na estrada de barro e, neste momento, o sino começou a tocar pela segunda vez, para anunciar a chegada e só parou quando o corpo entrou na igreja. A partir de então muitas pessoas foram chegando. De dentro do carro fúnebre retiraram o caixão, o funcionário e os filhos de Adônis e pretenderam entrar pela porta lateral da igreja. Foi um momento de grande rebuliço. Explicaram-me que a porta pela qual entram os mortos é sempre a porta da frente, mas não é qualquer das três portas existente, a considerada principal é a do meio da igreja, por onde deverá entrar não só o caixão no dia da morte, mas as crianças no dia da primeira comunhão, os noivos na cerimônia de casamento, os santos nos dias de procissão, e as imagens novas que agregarão o altar do templo.³² Vi, portanto, que esta porta da igreja era muito significativa para a comunidade pois ela era o solar pelo qual aconteciam todos os rituais de passagem de uma etapa da vida para outra, como apontava Van Gennep (1978) em seu estudo clássico sobre ritos de passagem.

Do coro da igreja, Dionísio sinalizou para Diana, para que não permitisse, e ela prontamente impediu a entrada pela porta lateral. Estava eu posicionada na porta principal e ouvi um dos presentes comentar “que não poderia entrar pela porta lateral porque no céu não se entra pelo lado nem pelos fundos e sim pela porta principal” e brincou dizendo que “a entrada do céu era pequena e se o caixão não coubesse teria que entrar de lado” (Diário de Campo de 07-01-2010).

³² -No dia de finados foi doada à igreja uma imagem da Beata Albertina, e esta imagem também entrou pela porta principal. (Diário de Campo de 02-11-2009).

Houve ainda neste ritual um outro momento de tensão. Superada a questão da porta, entram com o caixão tendo a cabeça do morto voltada para o altar e os pés do para a rua. Quando chegaram ao altar Diana chamou a atenção dos presentes de que os pés estavam colocados na posição errada, e foi consertado, pois a posição dos pés é um aspecto, dentro do ritual muito importante. Resolvidas estas questões, Dionísio que é católico e que há mais de 20 anos é uma das pessoas que procede a encomendação e ao sepultamento³³, é reconhecido no bairro como dono de um talento especial para esta função, além de uma forte liderança local, deu início as orações. A família abriu o caixão deixando exposto o corpo de Adônis.

Dionísio iniciou as orações de encomendação, uma sequencia de cantos, rezas e liturgias. Foram feitas duas leituras por pessoas da comunidade. De posse da palavra sobre a morte, disse que “a gente encara a morte como um pesadelo, uma coisa terrível, mas a morte é uma coisa bonita, porque é o dia em que nós encontramos com deus lá no céu.” E continuou dizendo que a vida aqui na terra é uma caminhada em direção à salvação da nossa alma e ao encontro com o pai, e enaltecendo as qualidades do morto que era uma pessoa boa e que por este motivo deveria ir para o lado do pai. Pediu que não houvesse tristeza, apenas saudade, pois quem morre vai para o lado do pai num plano muito melhor do que este, que ele havia vivido 85 anos, uma vida bonita deixando filhos e muitos netos. Depois de todas as preces, encomendou finalmente o corpo pedindo que Deus em sua bondade infinita conduzisse Adônis para a vida espiritual, pedindo também a nossa senhora, de quem ele era devoto, que intercedesse junto a seu filho Jesus, para que o conduzisse a um bom lugar. No próximo passo do ritual pediu a todos que estendessem a mão direita pois “...essa encomendação que nós vamos fazer é como se fosse um aperto de mão que nos estamos dando no seu Adônis, como se nós apertássemos a mão dele.” E foi feita a seguinte reza:

Dionísio –“Santos de Deus, vinde em seu auxílio, morreu a seu encontro, acolhei a sua alma, levando a presença do altíssimo, cristo te chamou, ele vai te receber, e os anjos que acompanham para a morada celeste, acolhei a sua alma, levando a presença do altíssimo, dai-lhe

³³ -Há outras pessoas que fazem parte desse grupo de lideranças da igreja, que também estão aptas a realizar esta cerimônia.

senhor o repouso eterno e envie para ele a vossa luz, acolhei a sua alma, levando a presença do altíssimo. Gloria ao pai, ao filho e ao espírito santo
 Todo -como era no princípio, agora e sempre, amem”

Terminada a encomendação, aspergiu água benta sobre o defunto fazendo o sinal da cruz. Dizendo: “dai-lhe senhor o repouso eterno e envie para ele a vossa luz, acolhei a sua alma, levando a presença do altíssimo. Gloria ao pai, ao filho e ao espírito santo, como era no princípio, agora e sempre, amem.” Rezaram um pai-nosso e depois entoaram um cântico que dizia assim:”Pai segura em minha mão, pai segura em minha mão, tenho medo de cair, oh pai não deixe não, segura em minhas mãos. Tudo aqui é passageiro, tudo aqui é ilusão, tenho medo de cair, oh pai não deixe não, segura em minhas mãos.” Pediu então a todas as pessoas que se despedissem neste momento, porque no cemitério não seria permitido abrir o caixão, e durante as despedidas os hinos continuaram.

Adônis era um homem negro, magro, com oitenta e poucos anos. Vestia um terno preto, sem gravata e uma camisa branca. Os pés estavam com meias e as mãos com os dedos entrelaçados na qual tinha um rosário marrom de madeira. O caixão era enfeitado com flores – crisântemos brancos³⁴, e a cobertura uma renda branca também. Quando estavam todos se preparando para o enterro, tendo inclusive o caixão sido fechado, chegou a notícia de que nem todos os filhos estavam presentes e que estava vindo um ônibus com companheiros do falecido, do grupo da terceira idade de Florianópolis. Então aguardamos. Com a chegada do ônibus e mais parentes decidiram abrir o caixão novamente. Desatarraxaram a tampa e deixaram o defunto exposto. Neste momento os parentes e os amigos, acorreram para o caixão. Os familiares se aproximaram tocaram e beijaram o morto, inclusive as crianças, que são presença constante nos ritos mortuários, que esticavam-se para poder ver o morto pela borda do caixão. A viúva, uma senhora com bastante idade e com dificuldade para caminhar veio amparada por familiares para perto da urna e deram-lhe uma cadeira, onde permaneceu sentada. Dentre os ocupantes do ônibus havia muitos velhinhos do grupo da

³⁴ Estas são as flores preferidas para a morte, os crisântemos, tanto nos velórios como no dia dos mortos, é considerada a melhor e a mais bonita. Relatam que quando os caixões eram feitos na comunidade as flores eram colhidas no quintal, mas que nada suplanta a beleza dessas flores de fora.

terceira idade, uniformizados com uma camiseta verde-limão com dizeres sobre a velhice e a felicidade. Dionísio perguntou aos presentes se queriam dizer algumas palavras antes do enterro, pois é comum os familiares ou os amigos proferirem algumas palavras de despedida ou sobre a vida do morto, e um senhor que disse ser “ministro da consolação”³⁵. Trajava bermuda, camiseta verde limão e sandálias, colocou um jaleco branco por sobre a roupa, rezou e cantou e disse também muitas palavras, pois Adônis pertencia ao grupo da terceira idade do qual também ele fazia parte. Novamente alertado que não se abriria o caixão no cemitério, o condutor do rito pediu que as pessoas se despedissem para então, em decorrência da chuva e do adiantado da hora³⁶, procedessem ao enterro.

Iniciou um outro ritual de despedida, e as pessoas foram beijar e afagar o defunto. O momento do fechamento do caixão, segundo todos me relataram, sempre é um momento de muita tensão. A viúva chorava alto e intensamente, numa manifestação pública de dor e desespero ilustrando o que Marcel Mauss nos ensina sobre os comportamentos obrigatórios nos ritos de morte (1979). Fecharam a urna, viraram o caixão com os pés para fora, ou seja para a porta, e saíram da igreja. Os presentes pegaram os arranjos, coroas e vasos de flores e acompanharam o enterro em silêncio. Neste momento Ceres subiu no coro e tocou o sino, no exato instante em que iniciou o procedimento de saída da igreja. Iniciou-se um novo cântico e a música cantada era ”Segura na mão de Deus”³⁷. Os filhos homens e os moços da funerária levaram o caixão, enfim os homens parentes ou amigos carregaram o caixão que saiu pela porta principal.

O cemitério fica atrás da igreja, por isso o caminho percorrido foi curto. Mileto estava dentro da sepultura aguardando. Foi difícil chegar lá pois não há um caminho pré estabelecido, e foi preciso passar sobre outras sepulturas. Depositaram o caixão sobre a sepultura aberta,

³⁵ - Dentro da estrutura da Igreja oficial não existe esta figura, mas o senhor se intitulava ministro da consolação com as atribuições de fazer rituais fúnebres e consolar pessoas.

³⁶ - O horário máximo para se enterrar é as 18:00 horas, não se enterra à noite, e somente em casos excepcionais é que a hora pode ser estendida para depois deste horário.

³⁷ - A letra é a seguinte: Se as águas do mar da vida quiserem te afogar segura na mão de Deus e vai/ Se as tristezas desta vida quiserem te sufocar segura na mão de Deus e vai /Segura na mão de Deus, segura na mão de Deus pois ela, ela te sustentará, não temas segue adiante e não olhes para trás Segura na mão de Deus e vai 2. Se a jornada é pesada e te cansas da caminhada segura na mão de Deus e vai/ Orando, jejuando, confiando e confessando segura na mão de Deus e vai 3. O Espírito do Senhor sempre te revestirá Segura na mão de Deus e vai/Jesus Cristo prometeu que jamais te deixará Segura na mão de Deus e vai.

sustentado por uma travessa de madeira e fez-se novas orações aspergindo água benta. Dionísio só cantou e deixou com o ‘estrangeiro’, que a esta altura já havia tomado a frente do ritual, dar prosseguimento. Este pegou terra do chão e jogou dentro da sepultura, com a célebre frase da Bíblia “tu és pó e ao pó retornarás”. Depois baixaram o caixão, seguro por cordas e uma haste comprida de madeira com um metal na ponta para sustentá-lo até chegar ao fundo. Continuavam a rezar e o ministro dizia algumas palavras lidas num pequeno livro e pediu que as pessoas jogassem flores sobre o caixão, e assim foi feito, ato contínuo solicitou aos presentes que batessem palmas, o que também foi atendido. Mileto ajeitou sobre o caixão duas placas de concreto e as cimentou.

Terminado o ritual, as pessoas permaneceram ainda algum tempo conversando. O ministro forasteiro causou um grande furor na comunidade. No dia seguinte ao evento todos comentavam que ele tinha estragado o bonito enterro de Adônis, por muitas razões. A primeira delas porque estava vestido inadequadamente. Nestes rituais da morte, mas nos ritos religiosos de qualquer espécie, é comum as pessoas vestirem-se com suas melhores roupas, e a vestimenta não só é uma roupa diferente da de trabalho, mas também uma roupa formal, como calça comprida e camisa social. O forasteiro estava de bermudas, camiseta e sandálias, e além disso conduziu o ritual com uma informalidade inadmitida. Além da roupa, considerada inadequada, ele introduziu partes neste ritual que não é comum, como jogar flores e terra sobre o caixão. Além disso, lia as palavras em um pequeno livrinho, sem proferi-las com emoção e de improviso, como faz Dionísio, razão pela qual é considerado um excelente ‘encomendador’. Houve ainda mais um aspecto que, segundo os comentários, tirou o ar solene do ritual: o forasteiro não aceitou a oferta de Dionísio para levar um utensílio portátil, um bastão onde se coloca água benta e se asperge sobre o morto, e usou um pequeno frasco de adoçante, de onde em gestos rápidos lançava a água benta. Não bastassem todos esses indícios, no momento em que as flores foram lançadas para dentro da sepultura aberta, Mileto estava dentro dela ajeitando o caixão e recebeu todas as flores destinadas ao morto. Esta história rendeu dias e dias de comentários.

Nos dias que se sucederam, não houve visitas, pois não havia mais parentela morando no lugar, mas soube-se que o contratempo no enterro de deveu ao fato de que os filhos de Adônis estavam brigados, e houve uma falta de comunicação entre eles, o que acarretou o atraso e também, que neste dia, quando voltavam para Florianópolis, pararam

em um posto de gasolina no caminho e ”beberam o morto”³⁸ gastando o estoque de bebida e de comida do citado estabelecimento, conforme me disseram meus informantes.

Segunda Morte em campo

Alguns dias depois do primeiro funeral, em dezoito de janeiro de 2010, um dia terrivelmente quente e ensolarado, ficamos sabendo da morte de Apolo ocorrida na véspera, dia dezessete à noite. Seu corpo chegou ao vilarejo no final da tarde, vindo de uma cidade próxima, mais precisamente do hospital onde estava internado e o sino foi tocado tão logo o corpo chegou. Foi velado em casa, como me disseram ser comum. Dionísio foi ao velório à noite, mas eu só cheguei na comunidade no dia seguinte, às 11:00 da manhã, por isso assisti apenas parte do velório. Após o almoço, deixamos na igreja Athina, esposa de Dionísio e uma vizinha e arrumamos o local para receber o morto. As portas frontais e laterais foram todas abertas, colocados a cada lado do altar as bandeiras vermelha do Apostolado da Oração e azul da Congregação Mariana (foto 11) e os suportes prateados para sustentar o caixão, além das velas. Dionísio trouxe o baldinho circular e o utensílio redondo com a água benta e deixou sobre a mesa do altar. A igreja estava toda decorada, e por isso não foi necessário fazer um novo arranjo de flores. Subimos a pé um morro muito íngreme, na companhia de outras pessoas, inclusive pessoas com bastante idade, que para a casa do morto também se dirigiam. Passava das 14:00 horas e era daqueles dias em que não há nenhuma nuvem no céu, muito calor e muito sol. As mulheres caminhavam sob as sombrinhas coloridas, um hábito da roça, que me pareceu muito saudável naquele momento.

Era uma casa muito simples de madeira sem pintura. Tinha uma pequena varanda e depois já se chegava na sala. O caixão de madeira escura, colocado na sala principal, cumpria a tradicional posição dos pés voltados para a rua. As flores que cobriam o corpo eram brancas e amarelas artificiais. O morto trazia um rosário colocado por entre os dedos cruzados. Atrás da cabeça, um pedestal prateado sustentava uma grossa vela branca já desgastada. Ao lado do caixão uma cadeira com um copo com água benta e um raminho de um mato,

³⁸ -significa beber em homenagem ao morto, sendo muito comum nos velórios no interior do Brasil o consumo de bebida alcoólica normalmente cachaça, durante o velório.

parecido com alecrim, mas era de um pinheiro que havia no quintal. A casa era baixa e pequena, o que dava uma sensação de abafamento, por esse motivo as pessoas ficavam do lado de fora, se protegendo do calor, em baixo de árvores, usando a sombra de alguns pés de milho ou na área lateral da casa, que era coberta. Alguns carros e motos conseguiram chegar até lá, pois a estrada não era boa, muito cheia de valas. Os comentários giravam em torno do corpo do morto que não estava muito bem arrumado, inclusive a boca meio aberta. Ele era um homem branco, em torno de 80 anos, vestia um terno escuro, uma camisa branca e uma gravata escura e estampada com o nó feito. Apolo era considerado muito católico e gozava de prestígio na comunidade, além disso era membro do Apostolado da Oração e da Congregação Mariana, e assim, quando Cibele chegou, trouxe uma bandeira antiga da congregação e colocou ao lado do caixão. Explicaram-me que nos velórios é comum a família se refugiar em um lugar mais reservado da casa para descansar e desfrutar de alguns momentos de privacidade, e geralmente é na cozinha que ficam, e neste dia não foi diferente, a família sentada ao redor da mesa chorava muito e se apoiava mutuamente. Dionísio deu início as orações e foi acompanhado pelos demais, o que durou cerca de 20 minutos. Os filhos do morto vieram rezar junto e choraram muito e alto. Uma das filhas, gritava e dizia:”como vou viver sem meu pai.” Pensei que fosse dar um “ataque”. As pessoas estavam vestidas com roupas sociais, com o detalhe que a maioria estava de camisa branca que é a cor do uniforme da Congregação Mariana, e sobre esta blusa as fitas com a medalha azuis ou vermelhas, dependendo da congregação a que pertencia: azul para a Mariana e vermelha para o Apostolado da Oração. Havia muitas crianças no velório. Por alto contei umas doze que circulavam livremente, chegavam perto do caixão. Os netinhos passavam a mão no defunto e depois saíam correndo quase como se estivessem experimentando uma nova brincadeira. Constatei assim como a morte nesta comunidade, diferentemente do que ocorre em meio urbano no Brasil, era um evento do qual as crianças não eram afastadas.

Por volta de 15:15 horas chegou o carro da funerária que iria conduzir o corpo até a igreja. A funerária chamava-se “Boa viagem” o que motivou alguns gracejos em relação ao nome. Dionísio foi consultado se poderiam fechar o caixão, e autorizou o fechamento, mas antes encaminhou a oração e benzeu o morto aspergindo sobre ele água benta em sinal da cruz. Este momento é considerado, por todos na comunidade, como aquele de maior dor e no qual as pessoas devem se expressar publicamente com choros altos. Os dois genros, juntamente com mais uns amigos homens parafusaram a tampa e sobre ele

colocaram a bandeira da congregação mariana, e saíram de casa levando o caixão na mão até o topo do morro, onde foi colocado, então no carro funerário, que descia vagarosamente e o cortejo acompanhava a pé rezando o terço e ladainhas em que alguém recitava a primeira parte e povo respondia. As pessoas iam se revezando na condução das orações. Era bonito de se ver aquela enorme quantidade de sombrinhas coloridas para se proteger do sol. A medida em que o cortejo passava pelas casas, as pessoas saíam e se juntavam ao enterro aumentando cada vez mais o número de participantes. Quando estávamos na rua geral e o féretro pôde ser visto da igreja, o sino começou a tocar. As vendas estavam fechadas. A igreja católica fica num lugar mais elevado e parte da rua que leva até ela é calçada. O sino continuava tocando. Quando o enterro chegou na parte baixa, e de frente para a igreja, estavam a esperá-lo as duas bandeiras do Apostolado e da Congregação cruzadas em X, trazidas por Athina e Hebe. O carro funerário parou e o caixão foi retirado por seis homens, dois genros e quatro amigos, e ele passou por baixo das bandeiras que se abriram em par. Neste momento, Dionísio pediu que as pessoas fossem andando em duas filas laterais para que “o caixão passasse no entre elas, ficando mais bonito, pois ele merecia”. O sino tocava, os cânticos eram entoados e o caixão foi se dirigindo para a igreja. Os pés do defunto em sua casa estavam voltados para a porta e desta maneira ele saiu de casa e entrou no carro funerário. Quando tiraram o caixão na frente da igreja a posição dos pés continuou a mesma. Entramos na igreja antes do morto e ele entrou e ficou com os pés voltados para o altar. Cessou o sino e iniciou as homenagens fúnebres. A igreja estava lotada, um calor infernal apesar dos ventiladores ligados e as portas abertas. Dionísio também com sua faixa vermelha no pescoço signo do Apostolado da Oração comandou a cerimônia, mas deu o tempo de cinco minutos para que as pessoas pudessem descansar desta longa caminhada. Ato contínuo abriu-se novamente o caixão e surpreendentemente, todos correram para ver o morto como se ainda não o tivessem visto e ficou uma enorme aglomeração ao lado da urna funerária onde familiares disputavam espaço com o público em geral.

Dionísio comandou as rezas e os cânticos e Diana e Deméter fizeram as leituras. O discurso versou sobre o quanto o morto era pessoa participativa na comunidade e o quanto era um bom católico pediu a todos que não ficassem tristes pois “saudades sim, mas tristeza não”. Chamou então para virem ficar ao lado do caixão os membros das duas congregações e mais os integrantes do terno de reis, do qual ele fazia parte, e do boi de mamão, que ele havia ajudado a recriar. As crianças

chegavam perto do caixão, olhavam e saíam correndo. A parte frontal da igreja ficou lotada, não havia mais espaço. Depois Dionísio procedeu ao ritual de encomendação do corpo pedindo a nossa senhora e ao sagrado coração de Jesus que o guiasse no seu caminho e o conduzisse ao pai. Mais canto, mais reza. Este ritual durou em torno de uma hora e meia a duas horas. Depois convidou quem quisesse que viesse dizer algumas palavras. Mileto, que neste dia não estava sendo o responsável pelo sepultamento, pegou o microfone e falou que Apolo além de um bom católico, socialmente não perdia nenhum curso que ensinasse algo novo e que em todos os momentos em que a comunidade precisou dele ele sempre fez tudo por São Tomaz, e que apesar da idade ele era muito participativo, que já tinha sido Presidente do CAEP³⁹. Na sequência falou um rapaz sobre a participação dele no grupo de Boi de Mamão. Dionísio terminou a encomendação aspergindo água benta e fazendo o sinal da cruz, por várias vezes sobre o morto. Pediu em seguida que as pessoas viessem rapidamente se despedir para que procedessem ao sepultamento, e assim aconteceu. Houve muitas despedidas e muitas lágrimas, a filha que já estava chorando muito, chorava alto num lamento comovente. O caixão foi cerrado e virado de lado para sair da igreja, com os pés direcionados para a porta.

O sino tocou várias vezes e o caixão deixou a igreja, e o corpo foi conduzido ao cemitério. Desta feita não entrou pela entrada principal, mas pela lateral que ficava mais perto do túmulo. Dionísio rezou, fez a bênção final pediu que fosse cantado, com minha mãe estarei⁴⁰, e aspergiu novamente água benta sobre o caixão em sinal da cruz o qual já estava sem a bandeira azul. E desceu a sepultura sendo coberto com telha eternit, depois colocaram um quadrado de madeira para cimentar por cima. Desta feita a família usou o material de construção que tinha em casa e ela mesma contratou um pedreiro para fazer a sepultura.

Depois as pessoas ainda permaneceram um certo tempo no pátio da igreja comentando sobre o acontecido. Os carros e as motos foram saindo e as conversas versavam acerca do funcionário da Funerária “Boa Viagem”, criticado por todos por não ter tido o devido carinho para com o defunto, pois mal o caixão saiu, ele se adiantou em

³⁹ Conselho Administrativo Paroquial, que administra a igreja

⁴⁰ - Com minha mãe estarei/ na santa glória um dia/ Ao lado de Maria/no céu triunfarei -No céu, no céu com minha mãe estarei /No céu, no céu com minha mãe estarei. Com minha mãe estarei/ aos anjos se ajuntando /Do onipotente ao mando/ hosanas lhe darei/ Com minha mãe estarei /e então coroa digna /de mão tão benigna/ feliz receberei/ Com minha mãe estarei /e sempre neste exílio de seu piedoso auxílio com fé me valerei

recolher o suporte da vela e os outros onde o caixão estava depositado, e o barulho de um metal contra o outro e a rapidez com que a cena foi desfeita, chocou a todos. Ouvi comentários do tipo que o Homero⁴¹ é que fazia bem este serviço. Outro comentário foi sobre a roupa do motorista da funerária, que estava mal arrumado, de bermuda e camiseta e que Homero é quem era bom, pois vinha de terno e respeitava os mortos, que o defunto estava mal arrumado, inclusive com a boca levemente aberta, e que ele era muito grosseiro, pois ao sair da casa do morto arrancou em velocidade e levantou poeira por todos os lados.

Após uma semana foi rezado o terço de sétimo dia, que equivale em termos rituais a missa de sétimo dia, eu já não estava presente, na comunidade, mas fui informada por Dionísio

Terceira Morte em campo

Na tarde de 19 de janeiro de 2010 morreu Ícaro, um homem branco com idade em torno de 70 anos. Foi uma morte repentina, não estava doente e nem sua morte era esperada, a não ser pela idade. Foi acometido por um derrame e não resistiu. Estava viúvo há 15 anos, e com ele morava um filho, todos os demais em número de oito moravam e trabalhavam em outros lugares. O velório aconteceu no final da tarde, veio então a funerária da cidade vizinha preparou o corpo e o sepultamento seria no outro dia. O sino foi tocado por outra pessoa da igreja porque Dionísio não estava em, São Tomaz. Foi velado em casa, que é de costume na comunidade. Cheguei ao velório no fim da tarde, era uma casa pequena e de madeira crua, não tinha forro e as divisórias entre os cômodos eram só de meia parede. A sala⁴² pequena onde estava a urna mortuária voltada com os pés para a rua, e duas velas acesas, cada uma de um lado do caixão atrás da cabeça. Vestia um terno preto com uma gravata preta com nó e camisa branca. O caixão estava muito bem arrumado, foi a funerária, de Imaruí que fizera o trabalho, e estava coberto de crisântemos amarelos e brancos inclusive em cima da cabeça. As mãos cruzadas, mas sem rosário e entre seus dedos uma foto dele quando jovem. Era um católico devotado e o primeiro a chegar na igreja

⁴¹ Proprietário de uma funerária e eleito pela comunidade como o que melhor presta serviços fúnebres, pelo respeito aos mortos, pelo capricho, pela atenção dada a família e pelo melhor preço.

⁴² A sala é sempre o cômodo da casa que abriga os velórios

nos dias de culto, e sua fé estava estampada nas várias imagens de santos pregadas na parede da casa. Voltei para o velório, já era noite escura. Não se enxergava nada na rua e do lado de fora da casa foram colocadas extensões com lâmpadas para que as pessoas que estavam na rua, a maioria delas, não ficassem no escuro, bem como alguns bancos de madeira. Percebi que todas as pessoas ao chegarem na sala onde estava o morto faziam o sinal da cruz, algumas usavam o ramo de mato embebido em água benta para este gesto, rezavam e repetiam ao sair. Era uma quente noite de verão e havia muitos insetos que circundavam as lâmpadas e iam se embrenhando pelos nossos cabelos e voando sobre o morto, mas ele estava coberto por um tule branco. Quando Dionísio chegou, iniciaram então as orações, e muitos entraram na pequena casa e rodearam o morto, e outros ficaram rezando da rua, ou na escada que dava acesso à sala. A direita do morto havia uma grande coroa de flores, um recipiente de plástico azul com água benta e um raminho para benzer. Chegaram muitas pessoas que moravam em outros lugares, como um irmão de Ícaro com bastante idade e que caminhava com muita dificuldade.

Estavam no velório Aglaia e Aquiles, um casal que era da Assembleia de Deus, pois ele era primo irmão da esposa de Ícaro, e havia outros também dessa religião. A postura deles era respeitosa, conversavam com as pessoas que estavam na cerimônia, mas não rezaram as orações católicas e ficaram todo o tempo na rua: tanto a tarde no início do velório, quanto à noite. Observei que em nenhum momento do velório houve manifestações de choro excessivo ou de desespero. Grande parte da comunidade esteve em algum momento lá. As pessoas conversavam animadamente em vários grupos, e os temas eram os mais diversos, desde a história de vida de Ícaro até histórias engraçadas que aconteceram em outros velórios. Como nos outros velórios, as crianças estavam lá, brincavam e corriam. Como já havia me tornado bastante conhecida, brincavam comigo sobre a pesquisa e que eu estava “atraindo muitas mortes” para o lugar. A medida que a noite ia avançando, o número de pessoas presentes ao velório também ia diminuindo, mas como a regra local é que o morto “não deve ser deixado sozinho”⁴³, sempre havia alguém fazendo companhia para a família. Observei que haviam pessoas, que preferiam ficar a noite, e isso era de conhecimento geral, e já se tinha conhecimento prévio de quem deveria ficar à noite. O enterro foi marcado para as 8 horas.

⁴³ Todas as entrevistas realizadas houve recorrência no sentido de que o morto não pode ser deixado sozinho.

As 7:30 horas fomos para a igreja, eu e Dionísio, abrimos as portas, preparamos tudo para a chegada de Ícaro e depois fomos acompanhar os momentos finais do velório. O carro da funerária já estava lá. Havia muitas pessoas e a pressa era porque estava ameaçando chuva, e também porque quanto mais tarde fosse enterrado, mais calor teríamos que enfrentar. Dionísio entrou e fez uma oração, a família disse que “não precisava pois ontem já haviam rezado”, mas como ele era o especialista no rito, reafirmou a necessidade de fazê-la. Rezaram um pouco, depois ele autorizou o fechamento do caixão que cerrado foi colocado no carro funerário e as pessoas foram caminhando a pé, devagarinho. Um outro católico do grupo dirigente da igreja foi conduzindo as orações enquanto Dionísio se dirigiu à igreja para tocar o sino. Dionísio desceu a ladeira da igreja e esperou o corpo na base do morro, e delegou este encargo a outra pessoa de bater o sino. Quando o féretro chegou em frente à igreja, mas na parte baixa do morro, o caixão foi tirado do carro funerário e carregado na mão, e o sino tocava. Ícaro gostava muito de futebol, e pedia quando vivo que, no dia em que morresse que o cortejo passasse por dentro do campo de futebol e parasse por alguns minutos em frente à trave do gol, e seu desejo foi rigorosamente cumprido (fotos 12 e 13). O féretro desviou seu caminho e passou pelo campo de futebol que fica ao lado da igreja e só depois é que se dirigiu à igreja, e todo este momento, foi acompanhado do badalar do sino. O caixão entrou no templo com os pés para o altar. Havia um bonito arranjo de flores feito por Afrodite no início da manhã. Foi aberta a tampa e foi feito todo o ritual de encomendação por Dionísio, mas teve o auxílio de Rômulo que falou sobre a vida do morto e das coisas que ele gostava de fazer, como ser o primeiro a chegar na igreja e gostar muito de assistir jogos de futebol no campo, e concluiu dizendo que “a encomendação é uma devolução da alma a Deus”. Um de seus filhos leu umas palavras de despedida que falava que nosso corpo era uma gaiola e que a alma era um pássaro e finalizou dizendo “voa Ícaro.....voa alto ao encontro de Deus.” A igreja toda aplaudiu . Procedidas as orações finais, aspergido água benta em sinal da cruz sobre o defunto e fechado o caixão, virou com os pés para fora para a saída do templo indo em direção ao cemitério, e o sino tocou.

Mileto comentou que a caixa de Ícaro “já estava pronta”. Havia comentários sobre o enterro de ontem. É que a sepultura foi mal vedada e o corpo exalava odores, e por isso precisavam com urgência consertar, e Mileto contava que já tinha feito contato com a família. As pessoas prestigiam muitos os velórios e enterros, mesmo aqueles que estavam trabalhando na roça, estiveram durante algum tempo no velório

à noite e voltaram na hora do enterro. Trata-se sem dúvida de um evento muito importante para o grupo. Observei novamente a presença de pessoas da Assembleia de Deus, como um fiel sentado no último banco bem perto da porta.

No cemitério Dionísio rezou novamente, cantaram alguns hinos, benzeu o caixão com água benta e fez o sinal da cruz. Como o caixão teve um pouco de dificuldade para entrar na cova, tiveram que retirá-lo e quebrar mais um pedaço da caixa de cimento. Neste momento houve um pouco de choro e de emoção por parte dos parentes do falecido. Havia muitas crianças, tanto no velório, quanto no enterro e sepultamento.

Ao cabo do sétimo dia foi procedida a oração do terço na intenção do morto.

Quarta Morte em campo

Clio morreu em 21 de janeiro de 2010. Ela não morava em São Tomaz, mas na vizinha comunidade, Aratingaúba, a sete quilômetros de distância. Era católica, branca, devia ter em torno de 65 anos, e fazia parte do “movimento de irmãos” da Igreja Católica. Fui ao enterro, com o objetivo de ver se havia algum tipo de diferença ritual entre as duas comunidades. Observei que o procedimento se assemelhou ao realizado em São Tomaz. O corpo chegou no carro da funerária que parou ao sopé do morro. Os filhos, amigos e o marido pegaram o caixão na mão e subiram a ladeira da igreja. O sino tocou várias vezes. Um toque diferente. Era blem blem blem, blem blem blem ininterruptamente, um sino que parecia festivo, não fúnebre. A igreja por dentro era mais simples que a de São Tomaz, mas estava bem cuidada. Entrou o caixão com os pés voltados para o altar. Havia muitas pessoas vestidas com camisetas amarelas do “movimento de irmãos” da igreja católica, que ficaram do lado direito, bem como um violeiro e uma cantora, também deste grupo. Quando Dionísio e eu chegamos, veio um senhor cumprimentar-nos, era o ministro da eucaristia do lugar que conduziu inicialmente a cerimônia. Iniciaram um canto alto e em conjunto. O ministro falou um pouco sobre ela e colocaram sobre o caixão a bandeira do grupo de irmãos, amarela com a palavra “shalom”. Parecia ser uma pessoa bastante importante na comunidade, pois estavam lá dois seminaristas para realizar os ritos fúnebres. Os seminaristas eram de ordens religiosas diferentes, pois um usava uma

batina negra e o outro uma batina branca. O município de Imaruí “possui quatro de seus filhos em seminários”, contou-me Vênus durante a cerimônia, e nas férias eles retornam para cá para cobrir as férias do padre vigário e realizar os ritos para os paroquianos⁴⁴. Aprendo com ela que “eles não usam os paramentos só permitidos depois da ordenação”. Foi realizada uma missa de corpo presente, plena de cânticos. Abaixo do altar havia muitas flores e coroas de flores e duas velas a da direita branca e a da esquerda roxa. Os seminaristas realizaram a missa em conjunto. Houve comunhão e ao final da missa a encomendação do corpo feita pelo padre de batina negra. Muitas crianças que corriam por entre os bancos da igreja cansadas de uma cerimônia tão demorada. As palavras da encomendação eram as mesmas proferidas em São Tomaz. O padre rezou e depois aspergiu água benta fazendo o sinal da cruz. Chamou os parentes para ficarem perto do caixão e tiraram a tampa de madeira, mas o caixão era coberto por uma enorme tampa de vidro, sendo possível vê-la, mas não tocá-la. Imediatamente todos correram para ver a morta, eu inclusive. As crianças insistiam em ver o morto e eram içadas no colo dos pais, para poder alcança-lo com o olhar. Ela estava muito amarela, e trazia entre os dedos cruzados um rosário. As flores que ornavam o caixão eram crisântemos brancos e cor-de-rosa e a roupa era um *tailleur* bege com camisa branca, do tipo comprado da funerária. Aliás quem fez o enterro foi Pã que eu entrevistei em Imaruí, dono da funerária e conversou comigo na saída da igreja perguntando como estava meu trabalho. Terminada esta longa despedida, colocaram a tampa no caixão. Viraram com os pés para a porta e saíram da igreja e o sino tocou, novamente seu toque festivo. Caminharam cantando e rezando para o cemitério e depositaram Clio no túmulo já aberto do lado direito da necrópole. Por conta da cerimônia ser com missa e canto, não tinha aquele clima fúnebre das cerimônias de encomendação. Estavam algumas de suas filhas comovidas mas não houve demonstrações públicas de dor ou de sofrimento excessivo. Ao fazer a prece de despedida o ministro da eucaristia disse: “nós não podemos entregar uma pessoa a deus de qualquer forma, devemos entregar Dona Clio de uma forma carinhosa, com muita oração e com o carinho dos parentes e amigos, e que nós não devemos chorar pois a vida com deus é melhor do que a daqui”.

⁴⁴ Pude perceber que é um motivo de orgulho para os católicos daqui terem quatro filhos no seminário

Capítulo 4. Pensando os Ritos Fúnebres

4.1 – Os conceitos de Religião

Durkheim concebe a religião, seja qual for ela, como a dicotomia entre sagrado e profano, opostas entre si, é o traço distintivo do pensamento religioso, que é eminentemente social e que busca criar a coesão. Para ele a religião não implica na existência de Deus ou de Deuses, basta o sagrado. Diz:

“(…)o aspecto característico do fenômeno religioso é o fato de que ele pressupõe uma divisão bipartida do universo conhecido e conhecível em dois gêneros que compreendem tudo o que existe, mas que se excluem radicalmente. As coisas sagradas são aquelas que os interditos protegem e isolam; as coisas profanas, aquelas às quais esses interditos se aplicam e que devem permanecer à distancia das primeiras. As crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que estas mantém entre si e com as coisas profanas.” (DURKHEIM. 1989:72).

E chega ao conceito:

”(…) uma religião é um sistema solidário de crenças seguintes e de práticas relativas a coisas sagradas, ou seja, separadas, proibidas; crenças e práticas que unem na mesma comunidade moral, chamada igreja, todos que a ela aderem.” (DURKHEIM.1989:79).

A escolha do conceito de Durkheim de religião está calcada no fato de que concordo com o autor no sentido de que toda a religião comporta essa dicotomia entre o sagrado e o profano, separadas e contrapostas uma da outra a definição do que é sagrado sempre comporta no polo oposto o profano ou vice e versa. É preciso

reconhecer como propõe Van Gennep (1978) que estes dois polos não são estanques, são relativos e possuem rotatividade e que a diferença entre os dois não é resolvida pela essência do sagrado/profano em si, mas da sua posição relativa num determinado contexto. Nas etnografias cima observamos situações de comportamento profano dentro da sacralidade do rito, por exemplo, quando o Ministro da Consolação que auxiliou o primeiro enterro, trajava bermudas e chinelos, vestimenta inapropriada em São Tomaz para um ritual sagrado, em outra sociedade tal roupa poderia ser totalmente adequada, e só pôde ser entendido como profano por haver uma concepção de como deve alguém se vestir num rito sagrado.

O outro conceito usado é o de Peter Berger que pensa ser a religião “(...) o empreendimento humano pelo qual se estabelece um cosmos sagrado. Ou por outra é a cosmificação feita de maneira sagrada” (BERGER.2009:38). Trabalha também com a ideia de sagrado e profano ligada a religião, sagrado este que para ele “é apreendido como algo que ‘salta para fora’ das rotinas normais do dia a dia, como algo de extraordinário, e potencialmente perigoso, embora seus perigos possam ser domesticados e sua força aproveitada para as necessidades cotidianas.” (BERGER. 2009:39).Então viver num mundo social é viver uma vida ordenada e significativa, sendo a sociedade a guardiã da ordem e do sentido, não só objetivamente através de suas instituições, como subjetivamente nas estruturas de consciência individual. (BERGER.2009). Desta forma a mais importante função da sociedade é a nomização, a ordenação. Quando a ordem se desestabiliza e se instala a anomia⁴⁵ o indivíduo está em perigo, pela ausência de sentido, e a religião tem o importante papel de ordenar o mundo estabelecendo a relação do homem com um cosmos sagrado.

Crê que a religião é um sistema de símbolos fundamentais ao ser humano, e que na sociedade possui duas funções. A primeira é a função de legitimação, e a segunda a de integração das experiências marginais ou limites. A religião exerce um importante papel de integração das experiências anômicas, facultando um significado para as crises biográficas (BERGER.2009), é como o dossel sagrado protetor do nomos⁴⁶, possibilitando interpretações que satisfazem não apenas o campo teórico, mas sobretudo aquele de sustentação interior para enfrentar a crise do sofrimento e da morte. Como o conhecimento da

⁴⁵ -Termo cunhado por Émile Durkheim em O Suicídio. Emprega este termo para indicar que algo na sociedade funciona de forma patológica ou desarmônica.

⁴⁶ - Ordenação das coisas, ordem.

morte não pode ser evitado em nenhuma sociedade, há a necessidade de legitimação desta realidade no mundo social, por isso a importância da religião. Ela legitima as situações marginais em termos de uma realidade sagrada de âmbito universal, permitindo ao indivíduo continuar a existir no mundo da sua sociedade, compreendendo que esse acontecimento tem lugar numa dada sociedade e que é pleno de sentido.

Berger usa como Durkheim as noções de sagrado/profano ligados à religião, e também como ele crê que a sociedade é responsável pela “ordem” e pelo “sentido”, sendo a ordenação sua mais importante função. Assim se algo como por exemplo a morte, um evento muito grave acontecer, a explicação religiosa possibilita a sociedade resignificar o acontecido através da religião. Não que o indivíduo, neste exemplo, não vá sofrer ou agir como se nada tivesse acontecido, mas o acontecimento adquire uma significação na sociedade ou grupo em que ele vive. O conceito de Berger só pôde ser usado porque em São Tomaz a religião é determinante na vida social. Nas sociedades urbanas contemporâneas, como fruto da modernidade, o indivíduo passou a ser colocado como medida e como fim em si mesmo, e a noção do sagrado, enquanto um cosmos sagrado no sentido de ser encompassadora da vida, deixou de ser gerido por instituições religiosas que davam a coesão social e cultural e passou a ser fruto de escolhas individuais. Já não seria mais a religião o que forneceria a coesão social, não seria mais ela que daria o sentido ordenador de mundo, mas a própria independência de escolhas racionais centradas no indivíduo. (PORTELLA:2006). Na sociedade de São Tomaz, ainda hoje a religião continua sendo o centro da vida social, seja ela qual religião for. A sociedade se pauta pelos princípios religiosos de condução de suas individualidades e de suas práticas cotidianas. Na presente pesquisa isto fica claro em muito momentos, mas posso citar aquele em que tratei da sociabilidade do bairro rural, mostrei que a maioria das reuniões que agregam uma porção maior de pessoas se dava em decorrência da religião, então no bairro rural pesquisado ela ainda é determinante na vida social.

A religião é socialmente eficaz na medida em que seus esquemas de pensamento fazem parte das consciências individuais e nessa se incorporam, como se naturais fossem, transformando-se em hábitos, e esta relação entre sistema religioso de um lado e sociedade do outro, requer uma compatibilidade estrutural, pois nenhuma sociedade aceita um sistema religiosos divergente dela, é o que Peter L. Berger chama de plausibilidades das representações religiosas (OLIVEIRA.2003, BERGER. 2009).

4.2.Os conceitos de rito

Ritos sempre existiram em qualquer sociedade, pois “em qualquer tempo ou lugar a vida social é sempre marcada por eles” (PEIRANO.2003:7). Muitos foram os antropólogos que os estudaram: Frazer, Tylor, Durkheim, Mauss, Van Gennep, Victor Turner, Roberto Damatta dentre outros tantos. Dois deles tiveram um trabalho inovador e que até hoje são a literatura de base para qualquer estudo sobre rito: as obras de Van Gennep, *Os Ritos de Passagem*, e a de Victor Turner, *O Processo Ritual*. O primeiro classifica os ritos fúnebres como ritos de passagem de um estado a outro e segundo redimensiona o trabalho de Gennep e cria o conceito de *communitas*, e são os que usarei no presente estudo.

No início do século XX havia uma dicotomia entre pensamentos não racionais – o mítico, o sagrado – e pensamentos racionais – utilitários e profanos. Antropólogos como James Frazer e Edward Tylor, não fugiram a esta regra em voga à época e pensavam que os rituais não deveriam ser estudados por serem coisas ultrapassadas, ligando esta visão de rito e magia a noção de irracionalidade, ou de infantilidade (SEGALEN.2002, PEIRANO.2003).

Émile Durkheim e Marcel Mauss acreditavam que o estudo dos rituais poderia ajudar a esclarecer formas elementares de sociabilidade, e inovaram ao enfatizar à sociedade, seu poder e sua eficácia, ao invés de procurar a razão humana, interessava-lhes a razão da sociedade. Para eles “a sociedade é um todo que nos antecede, com poderes de guiar nossas vidas, reproduzindo-a e/ou transformando-a” (PEIRANO. 2003:18), desta forma tudo se desenvolve num contexto. Durkheim propõe uma concepção de sociedade com vínculo entre rituais de um lado e representações do outro. Para ele os cultos ou rituais são atos de sociedade, e através dele a sociedade toma consciência de si recria e se afirma. Diz ele: “Os ritos mais bárbaros ou mais bizarros, os mitos mas estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual, seja social.” (DURKHEIM.1989:30). Rituais criam um corpo de ideias e valores, que sendo socialmente partilhados, assumem uma conotação religiosa. Essa religião em Durkheim não é algo que diga respeito aos deuses mas a sociedade, ela que é sagrada e tem a existência inquestionável. Para a sobrevivência dos rituais é necessário um grupo de pessoas, uma comunidade moral

relativamente unida em torno de determinados valores, que ele chama de igreja⁴⁷.

Partindo do conceito de sagrado e de sacrifício que “parece ser o operador do conhecimento dos mitos e dos ritos” (SEGALIN.2002:25) Marcel Mauss pensou os ritos. Ao escrever *A prece* (1979), e ao propor a definição de rito, o faz acreditando que há rituais fora do campo religioso. Os ritos são atos da vida religiosa tradicionais, segundo uma forma adotada pela coletividade, ou por uma autoridade reconhecida, e se os atos não estiverem subordinados a qualquer regulamentação, não estariam na categoria rito, pois nem todos os atos tradicionais são ritos. O rito deve ser uma ação tradicional com eficácia material. (CARDOSO DE OLIVEIRA.1979).

Arnold Van Gennep quando escreveu os *Ritos de Passagem* classificou os rituais de acordo com o papel que desempenhavam na sociedade, procurando também estudar suas partes constitutivas. Dividiu-os em três fases a separação a liminaridade e a agregação.

Victor Turner, aluno de Gluckmann, é o autor que vai recuperar e tornar mais produtiva a noção de liminaridade em Van Gennep. Para ele o ritual é um conjunto de dispositivos evocados para despertar, canalizar e domesticar emoções poderosas tais como o ódio, o temor, afeição e tristeza, e que reforçam a estrutura. (TURNER.1974:59). Criou e usou a expressão drama social, para analisar os conflitos no qual observam-se processos de ruptura, crise, reparação e reintegração. Defende que a natureza dos rituais é polissêmica pois os símbolos rituais têm vários significados dependendo do contexto, embora reconheça que se possa detectar o valor ritual nos símbolos, está mais interessado na multiplicidade de significados em ação, nos processos conflitos e dramas. Alguns estados de liminaridade levam a uma anti-estrutura, que Turner denominou *comunidades*, na qual os laços e as relações sociais podem ser criados fora das hierarquias mas no grupo.

Leach consolida a ideia de que primitivos e modernos são iguais, mas o grande passo que deu foi que ele não distinguia comportamentos verbais de não verbais, o ritual era um complexo de palavras e ações e o enunciado de palavras já era considerado um ritual, e que o ritual tornava-se uma espécie de linguagem condensada e

⁴⁷ Essa igreja não é aquela com a conotação que temos hoje de um lugar próprio para práticas religiosas.

portanto econômica, e isso fazia do primitivo um ser humano sagaz e engenhoso, contrariando o senso comum.

Martine Segalen define rito como sendo:

“ (...) os ritos devem ser considerados sempre como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas. Tais condutas são fundadas num adesão mental – e que o ator eventualmente não tem consciência – e valores relativos a escolhas sociais consideradas importantes e cuja eficácia esperada não advém de uma lógica puramente empírica que se esgotaria na instrumentalidade técnica da ligação causa-efeito.” (SEGALEN. 2002:32).

Creio que este conceito é o que melhor dá conta de explicar quais os requisitos necessários para a caracterização do rito, mas acrescentarei alguns elementos que considero necessários. Assim os ritos podem ser condutas tanto individuais quanto coletivas, com grande importância simbólica para o grupo, em que são usadas expressões gestuais ou corporais e verbais, onde as várias etapas rituais (sequências) são repetidas e esta repetição é que reafirma esses valores partilhados pelo grupo, sendo necessário também que esta ação tradicional alcance a eficácia material, que foi a contribuição de Marcel Mauss a esta definição, possuindo natureza polissêmica pois os símbolos rituais mudam de significado dependendo do contexto.

Os ritos não dizem respeito apenas a ordenação do sagrado, embora na presente pesquisa o ritual observado seja um ritual religioso em que estão permanentemente presentes a noção o sagrado e de profano. A morte é um momento desafiador porque não pode ser evitada, e precisa ser significada. A religião na morte tem um papel fundamental porque ela ordena ou significa através de uma explicação sagrada, e isso permite, compreender o sentido do universo em que se vive, e esta compreensão acontece através do rito. A importância dada aos ritos fúnebres em São Tomaz pode ser percebida por muitos aspectos, mas posso destacar alguns como pelas roupas, pelo número de pessoas que participam, e o empenho de todos em colaborar. As pessoas vestem suas melhores roupas e arrumam-se muito bem para o rito

mortuário, bem como abandonam seu trabalho, para participar. As funerárias que atendem o bairro precisam cumprir certos requisitos, como tratar o morto com respeito, vestir-se adequadamente nas exéquias, acolher a família enlutada e ter uma atitude respeitosa.

4.3. Analisando o do rito de passagem

A morte abre a possibilidade de duas ordens distintas e combinadas, a ordem material do corpo e a ordem simbólica da alma. Os ritos que se seguem imediatamente ao desenlace representam a separação dessas duas entidades antes enlaçadas, por isso a oração é uma das primeiras providências a ser adotada. Tudo indica que a alma tenha muita dificuldade de encontrar o seu próprio lugar e a reza separa uma esfera da outra. (Martins: 1983).

Van Gennep categoriza os ritos fúnebres como ritos de passagem, e como tal devem comportar três momentos: a separação, a liminaridade ou margem e a agregação, e o quanto cada uma dessas fases é mais ou menos pronunciada, varia de sociedade para sociedade. A separação também chamada de ritos preliminares, é o momento de apartamento de um mundo anterior. (VAN GENNEP:1978). Victor Turner definiu com mais precisão dizendo: “A primeira fase (de separação) abrange o comportamento simbólico que significa o afastamento do indivíduo do grupo, quer de um ponto fixo anterior na estrutura social quer de um conjunto de condições culturais (um estado) ou ainda de ambos” (TURNER. 1974:116).

No caso de São Tomaz, creio que a etapa de separação começa com a preparação do corpo e termina com a entrada do féretro na igreja. Quando alguém morre a primeira providência é tocar o sino e em seguida entrar em contato com a funerária. Ela é chamada, vem buscar algum familiar para escolher o caixão, e de posse dele retornam para preparar o corpo. Segundo meus informantes até a década de 1990 os caixões eram confeccionados no próprio lugar. Archimedes, o último fazedor de caixão, que morreu recentemente, me contou em minhas primeiras incursões a campo há alguns anos atrás, mais precisamente em 2008, que ao morrer alguém ele era avisado, e então se dirigia à casa do morto para proceder a medição do corpo em dois sentidos: ao comprimento e atravessado. A família fornecia o material para a confecção da urna mortuária, que era comprado em Imaruí, e com suas ferramentas, já na casa do morto confeccionava a urna enquanto o de cujos, aguardava

ficar pronto. Neste tempo de espera, em média de duas horas, ele era colocado sobre duas tábuas sustentadas por um cavalete - a essa -, ou ficava na cama aguardando, ou quando não havia nenhuma das duas possibilidades, então tiravam a porta da casa e sobre ela deitavam o defunto. Esse trabalho era gratuito, embora tenha recebido alguns presentes em retribuição, que de acordo com as pessoas do lugar ele era o melhor e mais caprichoso dos “fazedores de caixões”. A urna era de madeira leve, e feita sobre medida para pessoas mais altas ou mais baixas, mais gordas ou mais magras, ou até para comportar qualquer defeito físico. O tecido negro servia para forrar o interior do caixão, as alças eram feitas de corda, e as bordas ornadas com galões dourados.

A preparação do corpo pode ou não ser feita em casa. Algumas pessoas, as mais velhas já prepararam ou viram preparar algum parente em casa, mas atualmente este é um trabalho feito, na maioria dos casos, pela funerária. A arrumação do corpo pelos agentes funerários consiste em dar banho, com lenço umedecido⁴⁸, barbear, vestir, retirar joias, alianças e dentaduras⁴⁹, arrumar a posição dos braços e das mãos, e fechar os olhos. Em seguida é feito o tamponamento, que é o ato de colocar algodão nos orifícios para que não venham à tona os fluidos corporais, um trabalho que segundo os especialistas das duas funerárias, é muito técnico e que requer bastante experiência. Em seguida ele é vestido, e deve ser com sua melhor roupa, se não dispuser de uma, compra-se da funerária, que também presta este serviço. Arrumado no caixão, coberto com flores, com ou sem maquiagem⁵⁰ é devolvido a seus familiares, pois durante a prática da preparação do corpo a família é afastada⁵¹. Os proprietários das duas funerárias que entrevistei trabalham sempre com as esposas por respeito ao morto, de sorte que se o defunto for uma mulher a mulher tratará das partes íntimas, vestirá a calcinha e o sutiã se necessário for. A funerária é a responsável pelo defunto até esse momento e cria um cenário colocando as flores,

⁴⁸ -Contaram-me os informantes, que antigamente o banho era dado sentando o defunto dentro de uma bacia e lavando-o, mas que hoje os mortos são “mais limpos”, talvez por isso se possa compreender a substituição deste banho pelo lenço umedecido usado pelos agentes funerários, ou pelo pano úmido com sabonete de que fazem uso os nativos.

⁴⁹ - O defunto fica mais bonito sem dentadura e no lugar dela, colocam enchimento de algodão, é o que dizem os preparadores do corpo das funerárias.

⁵⁰ -A funerária de Capivari de Baixo tem por hábito maquiar o defunto para dar-se uma aparência melhor, não murcha nem fica “envermelhado” (Entrevista com Homero).

⁵¹ Alegam que o afastamento da família neste momento de dá porque o processo de tamponamento e limpeza é muito chocante para quem não está acostumado. Há procedimentos agressivos, como a aspiração e algumas costuras, colagem da boca, técnicas que substituíram o antigo lenço amarrado no queixo, que às vezes são necessárias e que a família não suportaria presenciar.

posicionado o caixão na sala com os pés voltados para a rua, acendendo as velas, e dispendo atrás da cabeça do falecido, a cruz, se ele professar a fé católica.

O velório é sempre realizado em casa e na sala. José de Souza Martins pensa que “morrer fora da casa da morada era e é vista com muita apreensão, como se fosse um acontecimento fora de ordem, fora da ordem natural das coisas”, pois a casa é o lugar da morte porque é também socialmente o lugar da vida da família, dos vizinhos, dos amigos (MARTINS. 1983:263).

Cumprido o tempo estabelecido do velório procede-se ao enterro, onde o caixão é levado pelo carro da funerária até a frente da igreja e dali em diante é conduzido nas mãos, e neste momento o sino toca novamente até a entrada no templo. Acredito que qualquer uma das três etapas dos ritos de passagem não acontecem em um único ato, mas em várias etapas que somadas umas as outras encerram uma fase do rito, por isso creio que cada uma delas é um processo que se desenvolve com partes identificáveis que acontecem na sucessão ou no desenvolvimento de vários atos. A fase de separação se inicia com o toque do sino, e é seguida pela preparação do corpo, pelo velório e condução do caixão para a igreja se encerrando ao entrar no templo. Dois motivos me levaram a pensar desta forma, o primeiro dele é porque entendo que o sino serve para marcar o fim de uma fase dentro do rito e o início de outra, assim ele toca quando a pessoa morre, toca quando ela entra na igreja, e igualmente quando sai da igreja e vai para o cemitério; e segundo porque o cortejo fúnebre sempre passará pelo portal principal onde todos os presentes tem consciência de que o morto, não pertence mais a este mundo, e está na sua nova posição de defunto para ser encomendado e enterrado.

O portal tem toda uma representação nos rituais. Van Gennep trata da importância dele para os ritos de passagem dizendo que “atravessar a soleira significa ingressar em um novo mundo” (1978: 37) e por isso que ele confere grande importância as cerimônias de casamento, de ordenação e nos funerais. Mencionei anteriormente que no primeiro enterro causou rebuliço quando tentou-se entrar com o corpo pela porta lateral, pois a correta é a principal. Para o citado autor a porta, no caso dos templos, divide o mundo sagrado do profano mas em São Tomaz, não é necessário estar no templo para que a sacralidade exista. Desde o início da morte todo o desenvolvimento ritual acontece na esfera sagrada, de uma das duas religiões. É possível que em outros ritos de passagem como o casamento, o batizado, primeira comunhão o sagrado aconteça apenas dentro da igreja, e fora dela estaria o mundo

profano. Assim creio que nos ritos fúnebres em São Tomaz o portal marca a separação de duas etapas mas não desses dois mundos.

O segundo momento, a liminaridade. é considerada a etapa mais perigosa do rito e” (...) consiste em demonstrar que esta margem, simultaneamente ideal e material, encontra-se mais ou menos pronunciada em todas as cerimônias que acompanham a passagem de uma situação mágico-religiosa ou social para outra.” (VAN GENNEP. 1978:36). Diz Turner: “Durante o período ‘liminar’, intermédio, as características do sujeito ritual (o “transitante”) são ambíguas; passa através de um domínio cultural que tem poucos ou quase nenhum dos atributos do passado ou do estado futuro.” (TURNER.1974:116-117). Nela houve a separação do estado anterior mas não aconteceu a integração no novo estado é a fase mais perigosa, tanto para o indivíduo quanto para o grupo a que pertence, e sua função é reduzir as tensões e os efeitos perturbadores da própria mudança.

Acredito que a fase da liminaridade se dá quando o enterro transpõe o portal principal da igreja, e se encerra quando termina a encomendação e novamente cruza o portal deixando a igreja, de sorte que o período de margem coincide com a encomendação. O que me levou a concluir estar, neste momento ritual alocada a segunda fase do rito de passagem é que neste etapa que acontece um momento que Victor Turner chamou de *communitas*, característico das fases de liminaridade. Na estrutura, diz ele, a sociedade possui posições hierarquizadas, posições políticas, jurídicas e econômicas, separando os homens uns dos outros. Na *communitas* essa hierarquia ou desaparece ou é rudimentarmente estruturada, e há a comunhão entre os indivíduos que tornam-se todos eles iguais entre si, e que se submetem a autoridades rituais. A espontaneidade da *communitas* em oposição a estrutura, raramente pode ser mantida por muito tempo. (TURNER.1974).

Durante esta etapa, os participantes estão sem dúvida num momento de integração total, onde não há hierarquia, nem estrutura e onde seguem a condução de Dionísio, o responsável pelo ritual. É um momento de grande perigo porque o morto já se desagregou do mundo dos vivos e ainda não entrou no mundo dos mortos, por isso é a parte do rito onde há mais oração. Um aspecto que chama a atenção é o discurso de Dionísio durante a encomendação, onde ele pede que o morto seja conduzido a um bom lugar, ou mais especificamente que Nossa Senhora o conduza a um bom lugar, isso pode ser pensado como um morto que não está mais aqui e tampouco chegou lá, está no caminho.

A agregação ou ritos pós-liminares são ritos de colocam a pessoa num novo mundo ou em uma nova situação. Ao sair da igreja e caminhar para o cemitério está se dirigindo rumo ao terceiro e último estágio que é a agregação no mundo dos mortos, que não ocorrerá imediatamente, mas somente a partir do sétimo dia. Não é sem razão que acredito ser este o tempo em São Tomaz que os mortos levam para se agregar ao outro mundo. Preliminarmente porque para os católicos no sétimo dia após a morte é realizada uma cerimônia de oração, chamado “terço de sétimo dia”, como um ato final de agregação. Este terço pode também ser substituído pela missa, mas pelas razões anteriormente apontadas, é difícil que aconteça uma missa, e há ainda outro indicativo, que é a dádiva da “coberta d’alma”.

A “coberta d’alma” é a doação, uma dádiva representada por uma roupa nova que o beneficiário deverá vesti-la e comparecer à missa ou oração de sétimo dia representando o morto. O defunto em vida, ou a família após sua morte, escolhem quem deverá recebe-la e precisará da anuência por parte deste. Esta roupa pode ser confeccionada ou comprada, e pode ser também do morto desde que ele não a tenha usado. Há o objetivo de vestir a pessoa de modo que ela fique parecendo o morto, e até os anos 1990 quando inicie a pesquisa, as pessoas se dirigiam a ela e a chamavam pelo nome do morto. Hoje este chamamento não existe, mas a “coberta d’alma” sim, a despeito de não acontecer em todos os “passamentos”, apenas em alguns deles. Neste ritual dentro do ritual, é necessário a observância do tipo de roupa que o morto usava, pois o que se busca é representa-lo, de sorte que se o morto usava calças largas, ou saias se mulher fosse, o(a) representante deverá vestir-se com uma roupa que remeta ao morto. Quando indaguei porque davam a “coberta d’alma”, me responderam que “era para que o morto não ficasse nu no outro mundo”.

Entrevistei Dafne que perdeu a filha e que deu a coberta para uma garota com a idade aproximada da morta, uma colega de escola e isto aconteceu no final do ano de 2009. Vejamos trechos da entrevista

“P- como é que foi a coberta d’alma?

Dafne - eu dei a roupa pra uma amiguinha dela

P – uma roupa nova?

Dafne- eu ia comprar uma roupa nova para dar para ela, mas como ela tinha muita roupinha nova aí a mulher, aí a menina mesmo pediu para usar

P- era coleguinha dela?

Dafne- era coleguinha era vizinha, as duas se davam bem ela ia muito lá, aí ela vinha muito ali em casa, e aí ela pediu, porque eu queria dar as

roupinhas dela para uma menina achando que nem todos gostam de usar, aí ela disse ‘não dona Dafne me dá para mim que eu uso e eu vou na missa de 7º dia dela com a roupinha dela’, eu disse vou comprar uma muda de roupa nova e vou dar para ti. Ela disse, não dona Dafne eu não quero e a mãe dela disse “ não Dafne não dá”, porque ela tem as roupinhas é tudo novinha da menina não precisa, porque geralmente se usa comprar uma muda de roupa tudo, que se usa e dar.

P- aí ela foi na missa se sétimo dia?

Dafne - foi

P: Vestida com aquela roupa?

Dafne- é

P – E o que é que se faz, com ela?

Dafne - não, não faz nada só vai na missa de sétimo dia, né

P – e como é que era a roupa?

Dafne- uma sainha e uma blusinha, ela tava de sainha e uma blusinha...” (Entrevista com Dafne – janeiro de 2010)

Ora se o morto precisa ser representado na missa ou na oração de sétimo dia, significa que ele não está presente, quer dizer que ele agregou o outro mundo, e ainda a reforçar o argumento acima exposto, quando o cortejo se dirige ao cemitério dando início a esta última fase, o sino toca e por ocasião da oração de sétimo dia também.

Para Paulo Sarmiento quando estudou os Kiriri de Mirandela na Bahia, que em muitos aspectos a ritualização da morte se assemelhava a São Tomaz, entende que a agregação do morto ao outro mundo, dependia da forma que foi conduzida sua vida terrena “se foi bom, pouco sofrerá e levará pouco tempo; se foi ruim, terá que cumprir um longo período de penitência.” (SARMENTO.1995:75). No caso de São Tomaz não é possível entender a agregação dessa forma, pois estaria confundindo o “estar no outro mundo” como “estar bem posicionado nele”. Dentro da cosmologia católica o morto agrega ao mundo dos mortos, independente seja ele um bom ou um mal morto, e isso para mim dar-se-á no sétimo dia. A partir de então a comunicação continua e as orações, missas, velas e rezas poderão deslocar essa posição do morto para um melhor lugar, até porque não podemos esquecer que para os católicos há a possibilidade do purgatório.

Van Gennep fixa o término do período de luto como a marcação da agregação ao outro mundo. Mas o luto atualmente já não é mais obrigatório em São Tomaz, embora existam pessoas que ainda o usem, são atitudes particulares, fruto de escolhas pessoais, e não estão necessariamente ligadas a obrigatoriedade. No dia de finados, por exemplo havia uma senhora de luto cerrado pelo marido, bem como encontrei pessoas jovens como Nêmesis, que tem 22 anos e colocou luto por sua avó. Esse luto não é necessariamente aquele cerrado, com roupas pretas, mas com cores claras, porque consideram que o luto mais importante é o interno, o sentimento, as atitudes de respeito e não necessariamente a cor⁵² da roupa.

4.4 Práticas necessárias à eficácia do rito

O rito busca exercer alguma ação sobre a coisa, “... é uma linguagem eficaz na medida em que atua sobre a realidade social”, e quando há uma falha neste ritual há uma ameaça a toda a coletividade (SEGALEN. 2002:22-32). Então há objetos e práticas rituais que não podem faltar sob pena de comprometer a eficácia do rito, e outros que podem ser frutos de escolhas. Dentre as obrigatórias estão: a observação da posição dos pés, as orações, a aspensão de água benta, o toque do sino, e a vela acesa.

A posição dos pés em casa, no velório, no enterro, na igreja ou no cemitério, são previamente determinadas. Em casa durante o velório, os pés ficam direcionados para a rua, ao sair dela e entrar no carro funerário conduzem o defunto com os pés posicionados para frente, da maneira como caminham as pessoas vivas e assim entram na igreja. Dentro dela, os pés devem estar direcionados para o altar, e após a cerimônia, ao sair, vira-se o caixão e ele sai com os pés direcionados para o portal de principal. No cemitério o acesso se dá com os pés para frente e virando para a rua quando enterrado, de modo que todos os mortos de São Tomaz têm os pés voltados para o centro da vila.

⁵² Neste gradiente de cores há uma cor interdita e que não pode ser usada no período posterior à morte, tampouco num velório, nem na roupa do defunto, que é o vermelho, considerada uma cor chamativa, aberrante e por conta disso, desrespeitosa para com o morto.

“ Lá na igreja o pé fica ele para frente porque o costume é dizer que tem que ter o pé para a porta, (falando do velório em casa) geralmente é mais com o pé e aí vai até a igreja fica com o pé pro altar e a cabeça para fora. Lá na igreja a cabeça fica para porta, depois quando sai vira o pé de novo vai com o pé para frente para o cemitério” (Entrevista Ceres 02/01/2010).

Durante todo a desenrolar do rito funerário, a posição deles é rigidamente cumprida. Na primeira morte causou furor o momento em que o ‘forasteiro’ por desconhecimento pensou em proceder de forma diferente entrando com os pés ao contrário sendo obrigado a consertar, e este conhecimento é compartilhado pelo grupo na medida em que todas as entrevistas que realizei e que perguntei sobre os pés, todos sabiam dizer qual era a posição corrente, ou seja é um conhecimento partilhado e tradicional.

Os pés têm vários significados e alguns deles ligados à morte como quando dizemos que alguém foi para a “terra dos pés juntos” ou “saiu com os pés para frente” (significa sair morto) (CASCUDO.1984). Para José de Souza Martins (1983) a razão pela qual os pés ficam para fora é que a posição do corpo do morto é oposta à posição do corpo do vivo, e que com esta prática os vivos buscam não atrair a morte e os mortos, evitando que a alma permaneça na casa e com ela a morte, pois a alma deve acompanhar o corpo, embora separada dele. Concordo com a segunda premissa e discordo da primeira, pois em São Tomaz a posição do morto é igual a dos vivos. Assim ele fica na mesma posição dos vivos como se estivesse caminhando lado a lado com eles.

Tanto na literatura antropológica quanto nas explicações locais, os pés para fora são para que o morto siga seu caminho, ande para frente, caminhe para o mundo dos mortos e não retorne (RODRIGUES:1983) mas essa observância no caso de São Tomaz é também uma forma de colocar o morto na comunidade dos vivos, pois dizem que se “acordasse, estaria de frente para o altar”, e no cemitério em que os pés também ficam para fora, é que “se vivo estivesse estaria de frente para a comunidade”.

Vejamos os depoimentos abaixo:

“P - De que lado o pé do morto tem que ficar?

D – na casa?

P – é

D – O pé do morto tem que ficar para fora

P – Por que?

D – Porque aí ele está de saída, né. Se colocar com a cabeça para fora ele está entrando de volta, então tem que botar os pés para fora, para ele seguir o caminho dele...” (Dionísio entrevista em 19-09-2008)

E com outro depoimento em que perguntei o porque os pés são voltados para a rua no cemitério me ela me respondeu: “é porque se ele levantar ele vai estar de frente” (Ametista 20.09.2008).

Creio que pode haver uma outra explicação. Defendendo que a modificação dos rituais mortuários se deu de forma marcante a partir da noção de indivíduo dentro na sociedade ocidental, o antropólogo Roberto Damatta (1987) diz que há sistemas que se preocupam com a morte e outros com o morto. Nas sociedades indígenas e tradicionais, o sujeito social, não o indivíduo mas as relações entre eles, dando a estas sociedades o nome de relacionais, cuja característica é a do morto ser uma figura presente entre os vivos, sendo invocado, lembrado, homenageado. Contrariamente em sociedades individualistas como a norte americana, o que importa é a morte e não o morto, motivo pelo qual há uma enorme urgência em livrar-se dele.

É preciso concordar com Damatta, que no sistema brasileiro há uma distinção entre indivíduo e pessoa como duas formas de conceber o universo social, mas não são exclusivas, podendo operar simultaneamente. O indivíduo é o “sujeito da lei foco abstrato para quem as regras e a repressão foram feitos”, e a pessoa “... merece solidariedade e tratamento diferencial” (idem.1983:168-169). Indica que estas relações de pessoas são mais frequentes nas pequenas cidades interioranas e as sociedades tribais onde não há o anonimato e as pessoas conhecem-se e identificam-se. Creio que o campo também é o lócus de relações deste tipo.

Desta forma ao pretender que os mortos estejam na mesma posição que a dos vivos creio buscarem manter o morto presente. Os ritos fúnebres, que são cerimônias dos vivos nas quais buscam administrar a morte, e submetendo-a ao seu controle, ajudam também o morto a seguir seu caminho e agregar-se ao mundo dos mortos. (MARTINS.1983; RODRIGUES.1983). Esta agregação não significa que ele não possa interagir com os vivos, ele não pode é perturbá-los e se as partes obrigatórias desse ritual não forem cumprida, se algum de seus pedidos não forem atendidos ele voltará para resolver esta questão

e perturbará a paz dos vivos, por conta da sua capacidade de interferir, contaminar, ajudar ou prejudicar a vida destes. Isto pode ser percebido na pesquisa, no pronto atendimento aos desejos do Ícaro, quando o enterro passou pelo campo de futebol, para atender a um pedido seu. Os entrevistados inclusive das duas religiões costumam atender as pessoas que estão prestes a morrer. Claro que as justificativas são diversas.⁵³ Por conta deste fato, nas entrevistas realizadas surgem narrativas de pessoas que foram enterradas com garrafas de cachaça dentro do caixão, com guarda-chuvas, com fotos, ou vestiram o terno do casamento, ou um vestido especialmente guardado para a morte, pois se não atendida, a alma do morto volta para cobrar o pedido, mas pode também retornar para cobrar uma dívida, solicitar orações ou velas, pedir para cumprir alguma promessa que ele morto tenha feito e que ficou pendente, pois enquanto ele não estiver em paz não deixará os vivos em paz. Meus informantes narraram muitos casos de mortos que pediram algumas coisas que não foram atendidas e eles, ou voltaram para cobrar a dívida dos vivos, ou eles mesmos deram um jeito de fazer valer a sua vontade, como o caso de uma senhora cujo desejo último era ser sepultada com a mãe, mas o marido pretendeu enterra-la separadamente e, no dia do enterro choveu torrencialmente, desmoronando toda a sepultura recém aberta, o que obrigou o marido a cumprir a vontade dela e enterra-la com sua mãe.

Na assembleia de Deus os fiéis não creem na possibilidade do morto voltar, para eles essas manifestações espirituais que existem nada mais são do que a interferência do 'inimigo'⁵⁴, por isso atender aos mortos temendo o retorno, é próprio dos católicos.

“O morto tem, portanto o poder de contaminar aquilo que toca e o poder de se tornar dono das coisas que o tocam.” (MARTINS.1983:266-267). Há detalhes que nos apontam para isso, um deles é a varrição do cisco e dos restos de flores pela porta dos fundos, que existem em muitos velórios e também em São Tomaz, apesar de estar desaparecendo, e que busca a separação do que é do morto para o que pertence aos vivos, livrando as pessoas da contaminação. Um outro aspecto da contaminação apareceu nas entrevistas com os católicos, que ao perguntar qual o destino dado as roupas que pertenciam ao morto

⁵³ Os crentes explicam dizendo que atendem porque não custa nada atender, pois não acreditam que o morto possa voltar, e os católicos atendem pelas razões já conhecidas.

⁵⁴ Para os crentes o inimigo é o diabo, as forças do mal que estão tentando diuturnamente os vivos a se desviar do bom caminho

responderam que as novas, que ele não usou eram doadas e as demais queimadas.

As orações no rito católico também não podem faltar, e buscam auxiliar o morto na salvação da sua alma que pode ser pensado como conseguir estar junto do pai. Pude observar que durante todo o desenrolar do rito católico, o morto sempre foi acompanhado de orações. Reza-se em casa, no caminho para a igreja, e na igreja onde ocorre a parte mais consistente e longa da oração e no cemitério como despedida, uma oração rápida.

Além disso as pessoas rezam bastante em São Tomaz. A maioria das entrevistas foi realizada nas casas e pude perceber a televisão ligada ou na rede vida ou na canção nova⁵⁵, durante o dia. Se não era a TV era o rádio, com programas religiosos. As casas têm sempre um pequeno altar onde estão colocadas as imagens dos santos. Na pergunta efetuada para quem eles rezavam, aparece que rezam para Deus, para os santos e para os mortos.

“P- tu achas que de alguma forma a gente pode ter a ajuda dos mortos?
Édipo – olha pela nossa crença sim, se eles voltam para deus, eu acredito que eles podem interceder pela gente não são considerados pela igreja como santos, mas podem atuar como tal, eu acredito que sim” (Entrevista com Édipo).

A água benta também é indispensável nas cerimônias mortuárias, e que está presente em todas as etapas do ritual. Para Martins (1983) quando o participante do rito benze aspergindo água benta sobre o defunto e fazendo o sinal da cruz, não está benzendo ao defunto mas protegendo a si mesmo, e prendendo a alma do morto no seu lugar. Que o sinal da cruz tem o fim de proteção podemos perceber inclusive nas sociedades complexas onde vivemos, sempre que queremos nos proteger, do mal ou do perigo fizemos o sinal da cruz. Nos relatos dos ritos fúnebres acima, em todos eles há a presença da água benta e nos três momentos, velório, encomendação e enterro, com a qual se procede ao sinal da cruz, um signo muito forte para os católicos que afugenta os seres diabólicos, representando sofrimento de cristo na cruz, marcam as sepulturas cristãs e o lugar onde alguém

⁵⁵ São canais de TV que exibem programas católicos, como missas, orações, cânticos e entrevistas

faleceu de morte violenta, assassinato ou acidente (CASCUDO.1984:264).

A vela está em todos os enterros católicos, tendo uma valorosa importância, pois é rara a cerimônia que não tenha uma vela acesa, estando presente na morte, estará junto do morto em casa, na igreja, acesa durante a cerimônia de encomendação e no dia dos mortos, momento em que é comum acederem velas para as almas. A vela tem toda uma representação da luz que guiará o fiel até o bom lugar. Para José de Souza Martins ela é “a luz, que é dos vivos e da vida, é a doação dos vivos aos mortos, é o meio que os vivos utilizam para controlar e orientar a alma, para conduzi-la do lugar dos vivos ao lugar dos mortos” (MARTINS.1983:264). Nos cemitérios há no centro como, em São Tomaz, uma enorme cruz de madeira, “o cruzeiro das almas”, que é onde se homenageia os mortos que estão enterrados em outros lugares, ou cujos corpos não se sabem onde estão, ou não puderam ser identificados e nela reza-se para eles e acendem-se velas.

A tradição de tocar o sino para comunicar a morte de alguém é recorrente nas tradições religiosas católicas. Há relatos de antigos moradores da Lagoa da Conceição em Florianópolis, sobre esta prática. No bairro estudado ela serve para avisar que alguém morreu, que o corpo do morto está entrando ou saindo da igreja e para comunicar a missa ou oração. No caso da missa ou oração a batida é diferente, é um toque festivo e contínuo, blem blem blem, blem blem blem. Esta diferenciação do toque entre adultos e crianças, que citei anteriormente, é próprio deste lugar mas já existiu em outros lugares e foi desaparecendo a partir da década de 1950⁵⁶. Autores que estudaram a morte, como Oracy Nogueira, chamam de ‘choro do sino’, e entendem que busca a comunicação da morte.

As demais práticas são optativas, ou seja, podem ser feitas ou não de modo que não alteram a eficácia do rito. Assim o uso das bandeiras quando o morto é membro das congregações católicas, a presença de familiares ou amigos a falar palavras sobre o morto, a presença de padre. Geralmente quando o morto é participante ativo da vida religiosa e da comunidade ele recebe um ritual mais detalhado, com

⁵⁶ - Os sinos foram ao longo da história usados com o fim de convocar para atos religiosos, chamavam os fiéis para as orações para os sofredores, moribundos e para a morte. Acompanhavam a existência inteira do homem, casamento, batizado, agonia, extrema-unção, parto difícil e finados. Em muitas religiões os sinos e outros instrumentos sonoros, buscam afastar os maus espíritos semeadores de doenças, adversidades e morte. Os dos campanários, chorando os mortos, arredavam do caminho celestial os espíritos malévolos, que dificultam a derradeira jornada (CASCUDO. 1984:714-718)

mais orações e rezas, com o uso dos símbolos das Congregações Mariana e Apostolado da Oração, com discursos mais calorosos, com mais emoção. Na volta para casa, depois do enterro de Ícaro, Athina comentou que há muita diferença entre um enterro e outro, e quando o morto é da igreja e assíduo o velório é mais rico e demorado, pois essa é uma forma de mostrar para os católicos relaxados o que estão perdendo. No velório de Ícaro as pessoas comentavam que quando a pessoa é grosseira, trata mal os outros e não frequenta a igreja, vai ter um enterro católico mas sem muita oração. Então a oração e o ritual detalhado são um plus.

4.5 O Cemitério

No dia de Finados, durante a observação participante ficou muito claro o quanto esses mortos eram presentes. Em primeiro lugar porque o cemitério local é impecável. Ninguém é enterrado no chão e todos possuem pequenas caixas de cimento revestidas com azulejos, ele é limpo com regularidade, todo cercado, com uma torneira para poder fornecer água para a lavagem dos túmulos. Conversando com Miletto, responsável pelo cemitério, com quem fiquei durante grande parte do dia sentada na porta da sacristia recolhendo as doações⁵⁷, ele me falou que em São Tomaz há ”mortos que são mortos” e “mortos que não são mortos”.

A primeira categoria destes mortos, são aqueles que a família os esqueceu completamente, os sepultou no cemitério e passou a não mais cuidar da sepultura, prestar-lhes homenagem, trazer-lhe flores ou acender velas em sua intensão. Essas sepulturas abandonadas, passados alguns anos quando se deterioram, a administração do cemitério convoca a família para que venha cuidar, e se ela não se manifesta a sepultura é desmanchada, retirados os ossos, que são removidos para um lugar-comum, e disponibilizando o espaço para um novo morto. Mas há a categoria mais comum o “morto que não é morto”. Este é aquele cuidado pelos entes queridos, que tem a sepultura reformada, ou pintada, que recebe flores, velas e visitas, ou seja que está sempre presente entre os vivos. Este morto faz parte do cotidiano, das conversas, das

⁵⁷ Neste dia, os usuários do cemitério fazem doação de quantias em dinheiro para a manutenção do mesmo, e orgulham-se de doar, pois consideram que seus mortos estão sendo muito bem cuidados, principalmente quando esses doadores não moram na comunidade, e seus parentes são cuidados pelos locais.

lembranças e das visitas, pois eles são visitados como se vivo estivessem. Quando entrevistei Cibelle ela me disse que visitava semanalmente o túmulo de seu pai.

”... E eu vou no cemitério todo o domingo vou dar um cheguinho lá porque é mesmo que passar na frente da casa de um pai e de uma mãe e não chegar, quem nunca passeou na casa do pai o pai sente, então estão ali os dois vou lá visitar o meu pai, sento do lado dele, todo domingo eu vou na igreja e vou lá faço uma visitinha, no túmulo dele, olho aquela foto, aquele símbolo que está lá “ (Cibelle).

Das antigas tradições guardam ainda uma prática que é a de enterrar os anjinhos⁵⁸ do lado direito do cemitério. Todas estas criancinhas estão lá. Os enterros de anjinhos diferem dos adultos, a começar pelo toque do sino e depois pela cor do caixão que é branca. Além disso, espacialmente no cemitério eles possuem um lugar previamente marcado, o lado direito. Robert Hertz no texto *Preeminência da mão Direita* elucida a questão dizendo que em nossa sociedade é comum a associação entre o sagrado a direita e o bem e o profano, com a esquerda e com o mal. “O direito é o lado dos deuses, onde paira a figura branca de um bom anjo da guarda; o lado esquerdo é dedicado aos demônios, ao mal, a um anjo negro maligno que o mantém sob seus domínios” (HERTZ.1980:111). Há ainda uma significação da direita como o céu e a esquerda como o subterrâneo e a terra (idem:112). Aos anjos são debitadas a pureza por não terem ainda conhecido os pecados do mundo adulto, desta forma podemos inferir qual o significado da representação ao lado direito na escolha do lugar para enterrar os anjinhos, justamente pelo fato de representarem a pureza. Há que se pensar ainda que essa pureza dos anjinhos possuem em sentido oposto a impureza dos adultos, e que a separação objetiva não permitir a contaminação das crianças pelos adultos. (foto 14)

Não há coveiro na comunidade, e enterrar é de responsabilidade de um único membro da igreja um “santeiro” responsável também pela manutenção do cemitério. É interessante que em outros estudos como o de Érica Silva o coveiro é uma pessoa marginal e marginalizada, permanecendo apartado da sociedade,

⁵⁸ -Para Câmara Cascudo (1984:59) é o cadáver de criança menor de cinco anos, em São Tomaz há concordância em termos de idade que é de sete anos.

diferentemente dos enlutados que após determinado rito são separados mas se reintegram, eles estariam um espaço fronteiroço, vivendo da morte, sendo impuros, perigosos e socialmente inadequado (SILVA.2008). Em São Tomaz o coveiro não tem essa identidade negativa, e o que se sobressai é o seu papel de membro da igreja e responsável pelo cemitério. Nas entrevistas, quando perguntava se havia coveiro no lugar, todos respondiam que não, e associavam Mileto a pessoa que faz as sepulturas, a pessoa responsável pela igreja e pelo cemitério. É como se das várias identidades que temos socialmente, a de membro da igreja se sobrepôs a de coveiro, e as pessoas pensam desta forma, no entanto é dele as atribuições de enterrar.

Sofreu um processo de padronização, onde as antigas sepulturas coloridas (as que vi na década de 1990) estão uniformizadas em túmulos revestidos com azulejos claros, sob a alegação de que são mais fáceis de limpar. Mas há aqueles que não se enquadram e pintam seus túmulos de cores vibrantes, como verde limão (foto 15).

Houve uma época que o no cemitério havia uma divisão territorial, de modo que prostitutas, mães solteiras, mulheres apartadas (separadas), os pagãos (crianças que não receberam o sacramento do batismo) e suicidas não podiam ser enterrados, junto com os demais, mas numa parte separada da necrópole. Hoje isso não mais acontece, na verdade o cemitério é sempre a representação da sociedade que o cerca (RODRIGUES.1983) e a roborar essa assertiva está a o fato de que isso só acontecia na vila, quando também no salão de bailes não podiam frequentar essas pessoas. Como esse preconceito desapareceu da vida social, também desapareceu do cemitério.

4.6 A religião os ritos mais elaborados e a morte laica

A maior ou menor ênfase dada aos ritos fúnebres está diretamente ligada a religião a qual este morto pertencia, cada uma delas possui seus ritos, mas os católicos têm ritos funerários bem mais elaborados que o dos crentes. Para os primeiros necessariamente o morto passará por várias etapas, cada uma cuidadosamente realizada, tornando o rito longo já que o cumprimento de todas elas demanda em tempo. Os crentes igualmente preparam o corpo, que também pode ser feito pelos parentes ou pela funerária, e velam no cômodo principal da casa, a sala, ou na igreja, e enterram no cemitério deles (fotos 16 e 17).

Alguns aspectos desses rituais coincidem com o dos católicos, como a posição dos pés voltados para a rua, durante o velório em casa, talvez porque os crentes mais velhos são ex-católicos que se converteram e tenham guardado algumas de suas tradições. Nesta cerimônia não usam símbolos como a vela, cruz, sino, ou imagens, porque também não os usam nas suas práticas religiosas, apenas um tecido escuro na cabeceira do morto, onde encontra-se estampada uma bíblia aberta, segundo os agentes das funerárias.

Ambas as religiões tem uma visão aproximada do outro mundo em muitos aspectos, mas a diferença existe na salvação e na possibilidade ou não da intermediação dos santos e dos homens nesta jornada. Nas entrevistas realizadas com os católicos, quando perguntado o que acreditavam existir após a morte, responderam que há uma divisão entre os bons e os maus e que esta bondade ou maldade é construída durante a vida na terra, e que terão a vida eterna junto com seres espirituais (para uns anjos, para outros pessoas que já morreram), mas de qualquer forma todos acreditavam encontrar com Deus.

Dizem os católicos:

“Eu acho assim que depois da morte a gente vai para um lugar que preparou aqui, se não preparou bem, não vai bem pará lá e se preparou bem, o lugar lá já está preparado, depende do que semeou aqui” (entrevista Cibele)

“... Ressuscitar, a gente vai com deus, a ressuscitação que a gente não vai saber quando é que vai ser.” (entrevista Artemis)

“... Pois agora..., aquelas que merecem o paraíso vão e aquelas que não merecem ficam penando também a gente não sabe a gente pensa assim né, e assim eles falam que os mortos quando não alcança a graça eles vão pro purgatório, depois é que eles vão para lá, é a gente não sabe.” (entrevista Hera).

E os fieis da Assembleia de Deus:

“... Eu acho que o céu é uma coisa inexplicável, isso é um mistério., nosso corpo vai ser transformado.” (Líbia)

“... A bíblia diz que lá vai ser anjo de luz o que vai ser salvo vai ser anjo de luz quer dizer que o corpo vai ficar aqui aí sobe o espírito e vai se formar tudo em anjo de luz, tudo anjo, no céu tem rua de ouro, muro de jaspe, tudo isso a bíblia relata, então o céu é brilhoso e lindo e maravilhoso céu, então não tem explicação a alma vai se formar num anjo de luz, então é tudo anjo, tudo perto do outro mas não se conhece” (Dione)

“...no céu só vai entrar os puros de alma pura , o resto que não, daí vão para o inferno” (Centaurio).

Pelos depoimentos acima, percebemos que a visão do outro mundo não é tão diferente assim de uma religião para outra, ambas encontrarão seres espirituais, ou anjos ou Deus, enfim praticamente a mesma visão. Os católicos contam com a possibilidade do purgatório, um lugar transitório que faz parte do outro mundo mas não é o ainda o céu tampouco o inferno e os fiéis da Assembleia de Deus acreditam que esta passagem é direta da terra para o céu ou inferno, onde deverão permanecer.

Mas no que tange à salvação da alma, uma religião se distingue da outra. Perguntado sobre como se consegue a salvação dizem os católicos:

“O que nós plantamos nós colhemos, se nós só viver bem nós vamos receber o bem e se nós fizemos o mal vamos receber o mal, porque foi aqui que nós plantamos, aqui nesta terra. “ (Circe)

“A gente tem que ser bom aqui na terra, fazer para as pessoas, as vezes uma pessoa que necessita a gente tem que ajudar aquelas pessoas, fazer visitas para os doentes, tem que fazer muita coisa boa aqui na terra, para gente ver quando a gente partir dessa vida, levar alguma coisa de bom” (Cibeles)

“.....– depende depende do que ele faz aqui só espera o bem da pessoa quem é que sabe?..... se é bom vai pro céu” (Saturno)

E os crentes:

“...se ela morreu desviada⁵⁹, imagina se ela morreu desviada é claro que salvação não tem... salvação é para aquele que permanecer até o fim”

P- a pessoa que se desviou depois que morre, não tem mais nada que se possa fazer?

– Não. Já morreu, já partiu a alma que tinha que ir já foi” (Agliaia)

-“O caminho é bem apertado pra salvação, é assim eu passo ali no caminho, vamos fazer uma parábola entre eu e a minha comadre, se eu passo ali e eu não tenho feito nada pra ela e ela dá um tapa no meu rosto, ah você deu no meu rosto, na mesma hora eu não tenho que guardar, rancor, ódio, raiva, amargura no meu coração eu tenho que passar assim pra ela, deus que te perdoe, porque eu quero ser perdoada, porque o coração da gente é carne, a carne é fraca mas o espírito é forte que a bíblia diz que o espírito é forte e a carne é fraca. Mas se eu pensar eu não merecia isso, eu tenho que tirar (o pensamento) porque se eu partir assim não tem salvação” (Dione).

Os católicos acreditam que a salvação terá por base a vida que viveram aqui na terra, e para tanto precisam ter condutas de bondade universal, compaixão, amor ao próximo e todas as demais prescrições que mais do que religiosas constituem um conjunto de virtudes humanas. Os crentes de outra sorte, em um certo aspecto também acreditam que a salvação se dará calcada nas suas boas ações na terra, mas essas ações estão relacionadas ao fiel cumprimento das prescrições da igreja, não apenas a aspectos como bondade, caridade, compreensão, amor ao próximo, é preciso também não possuir vícios (jogo, bebida e cigarro), usar roupas adequadas, as mulheres não cortarem os cabelos, não irem a bares ou a bailes, orarem e jejuarem, mas acima de tudo seguirão fielmente a palavra⁶⁰, servindo corretamente a Deus. Quando perguntei a eles como conseguir a salvação também responderam que era “ser obediente a palavra”.

⁵⁹ -É a pessoa que descumpriu os ditames da igreja se desviou da palavra.

⁶⁰ - Expressão usada por eles para designar o que está escrito na bíblia.

“Aqueles que estão retos com a palavra, a nossa esperança vai direto para o céu não ter purgatório mesmo, a bíblia sagrada diz” (Talia).

No que respeita a intermediação, os católicos acreditaram ser possível pelos santos ou pelos homens através de suas orações. Há santos que ajudam a casar, outros protegem os casais, há aqueles a quem deve-se pedir nas causas impossíveis, há até santo protetor dos animais. Quando entrevistei Júpiter, seminarista, ele foi claro ao dizer que para a igreja oficial, os santos não fazem milagres, eles intermediam, donde se conclui que a intermediação é institucionalizada.

“ (...) o papel do santo é simplesmente intercessão, o santo não faz milagre, deixo bem claro isso, nenhum santo faz milagre, não pode o humano que é limitado, finito, não tem condições de ir além disso, há questões na parapsicologia que vê a possibilidade de mover esse óculos tal, mas o santo a função dele é interceder ele intercede a deus por nós porque nós acreditamos? (Júpiter)

Peter Berger ao analisar as religiões católicas e protestante constata que os católicos possuem uma relação com o sagrado com mais possibilidades de comunicação, diferentemente dos protestantes ou crentes cuja comunicação se dá entre o homem e Deus numa linha direta.

“O católico vive no mundo no qual o sagrado é mediado por uma série de canais – os sacramentos da Igreja, a intercessão dos santos e a erupção do sobrenatural em milagre”. “O crente protestante já não vive em um mundo continuamente penetrado por seres e forças sagradas. A realidade está polarizada entre uma divindade radicalmente transcendente e uma humanidade desprovida de qualidades sagradas, cortando o cordão que ligava o céu e a terra atirou o homem de volta a si mesmo, e fazendo isso reduziu a relação homem e sagrado a um canal estreito que chamou de ‘palavra de deus’”. (BERGER.2009:124)

Por não haver esse contato tão direto entre esse e o outro mundo que os ritos fúnebres dos protestantes são bem mais simples, pois a doutrina pentecostal eliminou a intermediação dos santos, o milagre da missa, a rede de intercessão e a relação com as almas. “O protestantismo despiu-se tanto quanto possível dos três mais antigos e poderosos elementos concomitantes do sagrado: o mistério, o milagre a magia” (BERGER.2009:124). E é justamente esse fator que possibilita aos católicos, ritos mais elaborados, até porque como há vários canais, há várias escolhas. A maneira como esta intermediação acontece pode ser a mais variada possível. Pode ser através da missa, da promessa feita ao santo, do capricho na festa do padroeiro, no pedido a Jesus Cristo ou a Maria, nas orações, nas missas, nas procissões. Assim os católicos têm muitas formas de comunicação com o sagrado e a maioria delas incluem a intermediação; os crentes precisam resolver diretamente suas questões na relação indivíduo/Deus, como já havia observado Regina Novais quando os estudou. (NOVAES.1985).

No que respeita a salvação das almas, os católicos creem que com a intermediação dos santos, as orações as missas, poderão auxiliar e modificar a situação que estes mortos se encontram. Para eles a intermediação, no caso da morte se dá através da oração e do pedido a algum santo. A santa para a qual se reza pedindo a intermediação é nossa senhora, porque como mãe de Jesus tem poderes para pedir ao filho que conduza o morto para um bom lugar. Isso pode ser observado nas palavras dos especialistas nas três primeiras mortes.

Falam os católicos:

“P- missa ajuda?

... ajuda porque a oração que é o padre reza ele encomenda, se a pessoa alcançou aquela graça ele também alcança lá no céu eu acho que se a gente mais fizer aqui mais alcança nas orações, segundo o padre as orações ajudam, se não é muito grave as coisas, eu pará mim tem que fazer aqui, se não fez aqui”.(Hera)

“P- Achas que de alguma forma que nós vivos podemos ajudar os mortos?

– Eu acredito que sim

P- de que forma?

- Pela oração

P- se uma pessoa morre e não é muito boa assim, então tu acreditas que a oração ajuda?

– Sim porque a corrente de oração, porque uma pessoa sozinha... tem que ter a ajuda dos amigos” (Édipo)

Os crentes defendem que toda a salvação se dará neste plano e será debitada ao cumprimento dos preceitos da igreja, dizem eles:

“...a nossa salvação tem que ser aqui nós temos que sair daqui salvos, não adianta lá em cima não tem mais, nem rezar terço nem rezar missa isso aí não tem mais...” (Entrevista Aglaia).

“ P- e aquelas pessoas que não são merecedoras do céu não têm mais salvação?

-não, não, acabou (Dione)

Líbia – a bíblia diz que só há dois caminhos, ou céu ou inferno, se tu partes preparada tu vais ter um encontro com deus e tu vais pro céu, e se tu não estás preparada só resta para ti o inferno,

“- A nossa salvação tem que ser aqui nós temos que sair daqui salvos, não adianta lá em cima não tem mais, nem rezar terço nem rezar missa isso aí não tem mais” (Aglaia)

“P- não adianta rezar?”

Líbia – depois que morreu acabou

Dione – aquilo ali é diante de deus, o céu onde deus botar botou, ou céu ou inferno, se tá no céu para que mais luz, mais claridade se tá no inferno não tem mais solução de sair de lá, então o que é que a gente faz, se reúne e vai orar por aquela pessoa que perdeu, aquela pessoa que morreu, a família (Líbia)

Dione – aqui nós temos advogado, e lá nos temos um só e aqui quantos nos temos. não tem explicação. Aqui dependendo de uma maneira ou de outra a gente se defende lá é sim, sim ou não, não, lá é diante de deus, deus vai julgar, deus sabe

S- e aquelas pessoas que não são merecedoras do céu não têm mais salvação?

Dione – não, não, acabou

Líbia a bíblia diz que só há dois caminhos, ou céu ou inferno, se tu partes preparada tu vais ter um encontro com deus e tu vais pro céu, e se tu não estás preparada só resta para ti o inferno”

Na literatura antropológica há o trabalho de Misia Reensik, que diz que a representação que os católicos fazem do outro mundo permite a remissão dos pecados diz a autora:

“Para todos a divindade cristã é justa e perdoa, ela é misericordiosa e ama seus fiéis. A diferença se baseia sobre o momento em que ela revelará cada uma de suas faces. Segundo a compreensão dos crentes, o perdão e a misericórdia se deixam ver durante a vida sobre a terra; Deus oferece muitas oportunidades para que o homem seja salvo, ele está sempre pronto a perdoar; a justiça acontece no outro mundo, e trata-se agora de uma justiça sem piedade, mesmo que não raivosa, pois o homem voltou as costas as múltiplas chances dadas pelo divino. Em relação aos católicos, a justiça divina começa sobre a terra e se prolonga até o outro mundo, mas nesse momento, o perdão e misericórdia da entidade divina estarão também presentes, pois ela dará uma última oportunidade de arrependimento, assim o homem poderá se redimir após a morte e ser completamente salvo⁶¹.” (REESINK.2005:33).

Realizei entrevistas com fiéis de ambas as religiões, até porque o projeto era um estudo comparativo, o que foi inviabilizado pela impossibilidade de presenciar um enterro da Assembleia de Deus. Os crentes precisam salvar-se em vida, nas boas ações, no cumprimento da ‘palavra’, e nas prescrições religiosas, nas orações e após a morte nada mais poderá ser feito. Os católicos, por seu turno também acreditam que as boas ações os levarão para um bom lugar, mas se isso não for suficiente, obterão o resultado através das orações para os mortos ou para os santos, intermediários entre os homens e Deus, e as

⁶¹ Grifos meus

missas. No que concerne aos ritos fúnebres, isso torna as exéquias católicas muito mais marcadas em termos de rituais, pois elas se benfeitadas ajudarão o morto a encontrar a salvação. Não presenciei um rito dos crentes, mas os relatos dos fiéis é de que eles têm um rito mais simples, porque o rito fúnebre, não modifica a situação do morto.

Pertencer a uma religião distingue a forma de conduzir os rituais fúnebres, porque não há morte em São Tomaz que não seja submetida a um rito de uma ou de outra religião. A evidência desta assertiva está no discurso dos entrevistados e nos rituais observados. Não há casos de pessoas que morreram e foram enterradas no cemitério, sem passar antes por um momento de culto religioso. A discrepância poderá existir na maior ou menor pompa ritual, mas sempre haverá um momento religioso e o primeiro enterro, é um desses exemplos, pois Adônis não morava no bairro há 10 anos, mas veio enterra-se no lugar e receber a encomendação na igreja, mesmo com a proximidade da noite e com chuva (a chegada do corpo atrasou), a encomendação foi procedida detalhadamente.

No caso dos católicos sempre são cumpridas etapas anteriormente citada, e no caso dos crentes, há a opção em velar em casa ou na própria igreja, mas igualmente o morto passará por uma cerimônia religiosa antes do enterro, por isso que defendo de que não há morte laica em São Tomaz sempre estando inseridas numa destas duas religiões.

Cibele, católica diz:

“Tem todo ele, nunca ficou ninguém sem ser bem recebido na igreja. Ai abre o caixão quando não está o padre, aí reza e faz a oração. É tudo em redor, bastante gente, todo mundo aqui é do apostolado, da congregação, as bandeiras, a da congregação e a do apostolado acompanhando o caixão, coisa muito linda o enterro aqui, muito cheio de gente, muita homenagem à pessoa, que tem boa vontade que é pessoa que reza que trabalha na igreja, que ajuda que é fiel, oh..... mulher é feita uma homenagem que é a coisa mais linda”.

E Aglaia da Assembleia de Deus:

“ O culto fúnebre a gente faz a oração ali pela família, porque para ele mais não adianta, respeita como é um corpo que está ali e faz uma oração pela família, reza os irmãos obreiros, ou pastor dá uma palavra e depois faz o enterro.”

Podemos perceber que a igreja está sempre incluída como um espaço por onde o morto deverá passar para receber as orações, seja de que religião for, embora a sacralidade do rito não se dê apenas na igreja. Os católicos rezam durante todo o rito, e se o morto era atuante na religião ou da comunidade, a maior pompa no ritual se dá pelas orações que serão mais longas, pelos depoimentos sobre o morto, pela maior quantidade de flores e pelo maior número de pessoas. Há ainda uma outra questão, os católicos rezam pela alma do morto, para que ele siga seu caminho, e alcance um bom lugar, e os crentes rezam como uma forma de consolar os parentes vivos, dentro da lógica de que nada mais é possível fazer pelo defunto. Talvez a justificativa para esta morte religiosa, esteja no fato de que em São Tomaz como em outras tantas sociedades rurais a religião é o viés que guia a vida em sociedade, de modo que religião e morte estão coladas, não havendo espaço para um rito mortuário que não seja religioso.

5.Considerações Finais

As etnografias sobre a morte no Brasil foram gestadas nos estudos de sociedades indígenas, na análise de rituais funerários dentro de um universo mais amplo: o da organização social. Buscavam entender como os “nativos” pensavam o outro mundo, como desenvolviam ritos tão diferentes daqueles praticados em sociedades ocidentais, mas sempre, estes estudos, eram um capítulo num universo mais amplo de análise nunca tendo a morte como objeto a ser analisado, em si mesmo. Excelentes trabalhos mostraram uma significativa diversidade não só em relação ao rito, mas também naquilo que ele poderia desvelar ou resolver. Um pouco mais adiante na década de 1980 a obra organizada por José de Souza Martins “A morte e os mortos nas sociedades brasileiras”, juntou em um único exemplar e pela primeira vez, estudos sobre o tema no Brasil e contemplou análises sobre sociedades camponesas entre os povos indígenas e entre os negros, sendo o precursor dos estudos sobre a morte, como foco central de

análise na antropologia. A produção é escassa. O tema é meio “fora de moda” nos estudos antropológicos na atualidade, mas não é só isso, é também cercado de tabu, como em muitos momentos, percebi o espanto das pessoas com o tema. Também “fora de moda” é o outro recorte da pesquisa que é o estudo em sociedades camponesas, ou mais precisamente do bairro rural. O campesinato também teve momentos, historicamente de muita produção teórica e hoje os estudos foram deslocados para outras áreas que não a antropologia. Justamente por isso acredito ter sido importante “os mortos de São Tomaz” pois desenvolveu a possibilidade de estudar esses temas na atualidade.

A riqueza das práticas funerárias que afortunadamente encontrei lá, nos mostram que é preciso fazer o exercício proposto por Roberto da Matta, de transformar o exótico em familiar e o familiar em exótico (Damatta.1978), olhar este que nos possibilita ver num grupo que viver no entorno de três cidades, tendo diariamente a possibilidade de uso de equipamentos como internet, telefone celular, antena parabólica, e outros signos da modernidade, a configuração de ritos funerários muito ricos e elaborados que privilegiam as práticas dos antepassados, e as adequam, em parte é certo, aquilo que esta modernidade os pode oferecer. Poderíamos, a princípio pensar que rituais tais quais os encontrados, só fosse existir em lugares distantes e isolados, mas a pesquisa mostrou ao contrário. Na década de 1990 quando iniciei este projeto, muitas práticas funerárias que existiam desaparecera como a confecção das urnas mortuárias em casa, mas a maioria deles persistiu até hoje, claro que sempre há uma atualização ritual ou uma adequação.

As possíveis conclusões que obtive, encontram-se no corpo do texto, e não creio ser necessário repeti-las para não cansar o leitor. Mais do que elas, esse estudo possibilitou pensar sobre outros aspectos da morte. O material colhido nas entrevistas e muitas e muitas horas de gravação com católicos e crentes, é excelente para desvelar como essas pessoas pensam o outro mundo, a noção de céu e inferno, de salvação e danação, e o quanto estas visões são permeadas pela religião, pois não há morte laica em São Tomaz, mas estas análises sobre estes aspectos deverão ficar para mais tarde, pois neste momento privilegiei os rituais.

Este estudo permitiu perceber que a religião é determinante na condução da vida social em São Tomaz, onde ela é “encompassadora da vida social” (BERGER.2009). Além disso durante a observação destes rituais puderam de ser identificados diferentes papéis de gênero, (...) no sentido que se usa no teatro, ou seja uma representação de um personagem”, tudo aquilo que é associado ao sexo biológico em

determinada cultura. (GROSSI, 1998). Dentro deles há algumas etapas que podem ser realizadas tanto por homens quanto por mulheres, como a condução das orações e o tocar o sino, mas há outras que são atribuições exclusivas do gênero feminino ou do masculino. Cabe as mulheres a lavagem dos corpos das mulheres sejam eles lavados e arrumados em casa pela família, ou pelos agentes das funerárias, cabendo a elas também a arrumação dos arranjos florais na igreja para o momento da encomendação, e por fim apenas elas protagonizam o “ataque”, que é um momento em que as mulheres nas mortes trágicas ou inesperadas, choram e desmaiam perdendo a consciência caindo onde estiverem, vindo a machucar-se em muito eventos, travando as mãos e necessitando de ajuda dos demais, que conhecem várias práticas para auxiliá-las a acordar deste desmaio, ações estas como abrir-lhes as mãos, abanar, oferecer álcool para cheirar e impedir que mordam a língua ou se afoguem. Este momento, que não excede a cinco minutos, pode acontecer repetidas vezes durante o rito. Aos homens cabe carregar o caixão, tarefa exclusiva deles, bem como proceder ao sepultamento. Foi possível constatar o quanto os papéis de gênero atribuídos a homens e mulheres no ritual da morte não são os mesmos, e o quanto é difícil o rompimento desses papéis previamente estabelecidos, de sorte que as mulheres, mesmo as que desejavam carregar a urna mortuária não conseguiam. Dentro do entendimento de que o ritual sempre busca a eficácia (SEGALEN.2002), e que há etapas dentro do rito que são necessárias a este fim e outras podem ser fruto de escolhas, creio que a manutenção e reificação destes papéis de gênero no ritual, são um dos fatores que auxiliam atingir a eficácia do rito, pois uma possível inversão tiraria dele sua eficácia, por isso a manutenção firme de cada um destes papéis para homens e para mulheres.

A literatura antropológica e a dissertação de mestrado de Érica Quinaglia da Silva, O presente de Prometeu, um estudo sobre o dia de finados no cemitério do Itacorubi em Florianópolis, identifica a figura do coveiro como poluído pela atividade laborativa, diferentemente dos enlutados cuja poluição é temporária, pois podem voltar ao estado de pureza anterior. Em São Tomaz essa profissão não é vista como impura ou contaminada, alias não é nem vista, pois ao perguntar se havia coveiro na comunidade as respostas foram unânimes no sentido de que não havia, e identificam o coveiro como “santeiro”, um dentre muitos de seus papéis. Isso pode ter acontecido pelo fato do coveiro se encompassar do sagrado e sua atividade ser cercada de sacralidade, mas pode ser ao contrário, onde justamente por ter um

status negativo ou um estigma que as pessoas busquem outra atividade com identidade positiva para designá-lo.

Um outro aspecto que poderia ser aprofundado é a coberta d'alma, no sentido de saber se ela tem outros objetivos além daqueles da representação do morto. Pode ser que o aspecto que percebi, dela existir apenas na missa de sétimo dia para representar o morto, seja apenas uma das faces desta moeda. Na medida em que as pessoas dizem que ela objetiva vestir o morto para que ele não chegue nu no outro mundo, ela pode estar indicando outros objetivos além desses que identifiquei.

Aponto também no texto, numa nota de rodapé a percepção das relações assimétricas entre os católicos, caracterizadas pelo compadrio e pela troca de favores e simétricas entre os crentes, mas esta ideia também é dentre muitas outra uma das que carecem de mais aprofundamento e observação, mas é um interessante indicativo de condução de futuras pesquisas.

Por fim, creio ser necessário ainda, estudar as noções de morte e salvação sob a ótica de ambas as religiões – crentes e católicos – de modo a perceber dentro dessa pequena comunidade em que ponto elas convergem e onde elas se diferenciam. Assim mais do que conclusões reafirmo que este Trabalho de Conclusão de Curso lançou muitas outras possibilidades de estudo e aprofundamento além de sugestões para a continuação deste estudo.

6. Referências Bibliográficas

- BECKER. Howard S. Métodos de pesquisa em Ciências Sociais. São Paulo. Editora Hucitec, 1999, p.47-64.
- BERGER. Peter L. O Dossel Sagrado – Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião. São Paulo. Editora Paulus. 2009.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. História de Santa Catarina. Florianópolis, Editora Lunardelli, 1994.
- CANDIDO, Antônio. Os parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira paulistano e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo, Livraria Das Cidades, 1971.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. (Org). Marcel Mauss – Antropologia. São Paulo, editora Ática, 1979.
- _____. O trabalho do antropólogo. Brasília, Editora paralelo 15, 2006.
- CASCUDO, Luiz da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Volume II, Belo Horizonte, Editora Itatiaia, 1984.
- DAMATTA, Roberto. A Casa e a Rua. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1987.
- _____. “Você sabe com quem está falando? Um ensaio sobre a Distinção entre indivíduo e Pessoa no Brasil”, in Carnavais, Malandros e Heróis. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.
- _____. “O ofício do Etnólogo, ou como ter ‘Anthropological Blues’”, in NUNES, Edson de Oliveira (Org). A aventura Sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1978.
- DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa – O sistema totêmico na Austrália. São Paulo, Edições Paulinas, 1989.
- FONSECA, Cláudia. “Quando cada caso Não é um caso. Pesquisa etnográfica e educação”. In Revista Brasileira de Educação, nº10. Rio de Janeiro, p.58-78,1999.
- FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal,1989, introdução
- FRESTON, Paul. “Um breve histórico do Pentecostalismo Brasileiro: A Assembleia de Deus”. in Religião e Sociedade 16/3. Rio de Janeiro, p 104-129, 1994.
- FUKUI, Lia Freitas Garcia. O sertão e o Bairro Rural: Parentesco e família entre sitiantes tradicionais. São Paulo, Editora Ática, 1979.

GASKELL, G. Entrevistas Individuais e Grupais, in BAUER.M.W e GASKEL.G. Pesquisa qualitativa, com Texto, Imagem e Som – Um manual prático. Petrópolis, Editora Vozes, 2003.

GROSSI, Miriam Pillar. Identidade de Gênero e Sexualidade, in Antropologia em Primeira Mão, nº 24, Florianópolis, 1998, p. 1-15.

HERTZ, Robert. “A preeminência da mão direita: Um estudo sobre a polaridade religiosa” in Religião e Sociedade nº 06. Rio de Janeiro, Editora Tempo e Presença Ltda., 1980, p 99-128.

LANNA. Marcos P. D. A Dívida Divina. Troca e Patronagem no Nordeste Brasileiro. Campinas, editora da UNICAMP, 1995.

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do Pacífico Ocidental. Coleção Os Pensadores, São Paulo, Editora Abril, 1978, p 17-34.

MARTINS. José de Souza (Org). A morte e os mortos na sociedade Brasileira. São Paulo, Editora Hucitec, 1983.

_____. “A morte e o morto: tempo e espaço nos ritos fúnebres da roça” in MARTINS, José de Souza (Org) A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira, São Paulo, Editora Hucitec, 1983.

MAUSS, Marcel, “A expressão Obrigatória dos Sentimentos” in OLIVEIRA, Roberto Cardoso (Org.). Marcel Mauss. São Paulo: Editora Ática, 1979, p.147-53.

MAUSS, Marcel, “A Prece” in OLIVEIRA, Roberto Cardoso (Org.). Marcel Mauss. São Paulo: Editora Ática, 1979, p.102-146.

NOGUEIRA, Oracy – “Morte e Faixa Etária – Os Anjinhos” in MARTINS, José de Souza (Org) A Morte e os Mortos na Sociedade Brasileira, São Paulo, Editora Hucitec, 1983.

NOVAES, Regina Reyes. “Os crentes: razão para viver e morrer”, in MARTINS, José de Souza (Org) A morte e os mortos na sociedade brasileira. São Paulo, Editora Hucitec, 1983, p. 270-287.

_____, Os escolhidos de Deus – Pentecostais Trabalhadores e Cidadania. Rio de Janeiro, Editora Marco Zero, 1985.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. A fumicultura no Sul do Estado de Santa Catarina. Cadernos de Ciências Sociais (Porto), Florianópolis - SC, n. 2, 1986, p. 1-39.

PEIRANO, Mariza. “Artimanhas do acaso” in A Favor da Etnografia. Rio de Janeiro, Editora Relume Dumará, 1995, p. 119 – 134.

_____. (Org). O Dito e o Feito. Ensaio de Antropologia dos Rituais. Rio de Janeiro. Relume Dumará. 2001.

_____. Rituais Ontem e Hoje. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

- PORTELLA, Rodrigo. “Religião e Sensibilidades e Pós-Modernidade. Da ciranda entre religião e secularização” in Revista de Estudos da Religião nº2, São Paulo, editora da PUC, 2006, p.71-87.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O Campesinato Brasileiro Ensaio sobre civilização e grupos rústicos no Brasil. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.
- _____. Bairros Rurais Paulistas - A Dinâmica das relações Bairro rural – cidade. São Paulo, Editora Duas Cidades, 1973 a.
- REESINK, Misia Lins. “A antropologia, os Católicos e a Noção de Deus” in Religião e Sociedade. Rio de Janeiro, 2005 p.11-38.
- RIAL, Carmen Sílvia. “Da Casa Açoriana à Casa decorada: ensaio de estética popular” in Revista Crítica de Ciências Sociais Nº 34, Coimbra, Portugal, 1992.
- RIBEIRO, René. “Igrejas e Cultos no Brasil” in Revista de Antropologia. São Paulo, volume 21, 1978.
- RODRIGUES, José Carlos. Tabu da Morte. Rio de Janeiro, Editora Achiamé, 1983.
- SANCHIS, Pierre. “A contribuição de Émile Durkheim” in TEIXEIRA, Faustino. Sociologia da Religião. Enfoques Teóricos. Petrópolis, Editora Vozes, 2007.p. 36-61.
- SARMENTO, Paulo Sousa. Atitudes e Representações diante da morte: Alguns elementos para uma definição da concepção de morte Kiriri – Ba. Dissertação de Mestrado apresentada no Programa de Mestrado em Sociologia da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 1995.
- SEGALEN, Martine. Ritos e Rituais Contemporâneos. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2002.
- SILVA, Benedicto et al. Dicionário de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987, p.216.
- SILVA, Érica Quinaglia da. - O presente de Prometeu – Contribuição a uma antropologia da morte (e da vida) – Dissertação de Mestrado apresentado no Programa de Pós Graduação em Antropologia Sócia da Universidade Federal de Santa Catarina. Ano de obtenção 2008.
- SILVEIRA, Albi Israel da. Albertina Berkenbrock do nascimento à beatificação. Tubarão, Gráfica e Editora Humaitá, 2008
- SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia, Indivíduo e Sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 2006
- SPAGGIARI, Enrico. “Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visitas: prática futebolística em um bairro rural” in Horizontes Antropológicos, vol. 14., Porto Alegre, Julho/dezembro/2008.

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200007&lng=en&nrm=iso

TURNER, Victor W. O Processo Ritual. Estrutura e anti-estrutura. Petrópolis, Editora Vozes, 1974.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Senhores de Si: Uma interpretação Antropológica da masculinidade. Lisboa, Fim de Século Edições Ltda., 1995.

VAN GENNEP, Arnold. Os Ritos de Passagem. Petrópolis, Editora Vozes. 1978.

WOORTMANN, Ellen F.; WOORTMANN Klaas. O Trabalho da Terra – A lógica e a simbólica da Lavoura Camponesa. Brasília, Editora UNB, 1997.

ZALUAR, Alba. Os Homens de Deus – Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1983.

7. ANEXOS.

7.1 - Fotografias



Foto 01 -Transporte de alimentos feito no ônibus de linha



Foto 02-Assembleia de Deus do sul



Foto 03 -Assembleia de Deus do Norte (Vila dos Rochas)



Foto 04 -Igreja Católica de São Tomaz. A esquerda está o campo de futebol e mais acima o salão de bailes



Foto 05 - Entrada principal do cemitério católico

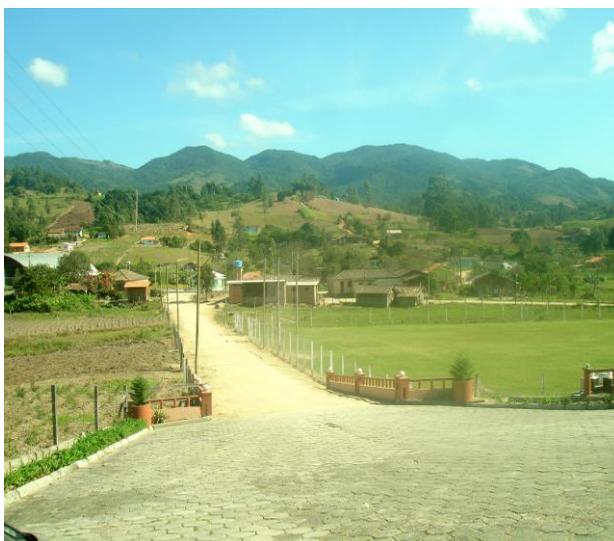


Foto 06 – centro do bairro visto da igreja



Foto 07 -vista do centro do bairro, à direita o coreto e abaixo o campo de futebol



Foto 08 – vista fora do centro do bairro onde podemos ver a distância entre as casas



Foto 09 -Cemitério católico de São Tomaz no dia de finados em 2009 – detalhe das flores naturais



Foto 10- Cemitério católico de São Tomaz no dia de finados em 2009- detalhe das flores artificiais



Foto 11 – Bandeiras da Congregação Mariana (Azul) e do Apostolado da Oração (vermelha)



Fotos 12 – Enterro de Ícaro no momento que passa pelo campo de futebol



Foto 13 -Enterro de Ícaro cruzando o campo de futebol



Foto 14 – sepultura dos “anjinhos” do lado direito do cemitério



Foto 15 – sepultura verde-limão



Foto 16 – Cemitério dos Crentes



Foto 17 – Cemitério dos Crentes

7.2– Roteiro de Entrevistas

Nome:

Idade:

Estudou até que série. Sabe ler e escrever?

Sexo:

Religião: (Deixar em aberto para uma religião na qual foi criado, batizado e outras religiões que pratica atualmente.)

Família: (Com quem é casado? Quantos filhos e/ou netos tem? Se moram com ele? Se vive perto de sua família ou da família do cônjuge?)

Trabalho:

Nasceu em São Tomaz, ou mora há quanto tempo:

As igrejas - Para os especialistas:

1 -Como surgiu a igreja? Quem a construiu?

2 – Quantos fieis tem a igreja atualmente?

3 – Como é a hierarquia da igreja?

4 – Como a religião católica/ Assembleia de Deus veem a morte?

5 – O que a religião proíbe?

6 – O que é necessário para ser um bom católico / crente?

7 – O que deve ser feito par alcançar a salvação?

8- O que é ser um desviado? (para os crentes)

9-Quantos Igrejas tem em ST e quais são?

10- -Como funcionam os cultos/ celebrações, em quais dias e como acontecem?

11- - Há a presença de padre/pastor?

12- Como a igreja e o cemitério se mantém?

13 -Como se forma um pastor/ ministro da eucaristia?

14-Católicos/crentes comparecem aos rituais?

15 – Como é a hierarquia da igreja e a quem está subordinada?

16- Como acontece o batismo, o casamento e o ritual da morte? (pedir para narrar)

17 – Os católicos comparecem aos rituais dos crentes e vice e versa?

18 – Como é o dia dos mortos em São Tomaz?

Imaginário da Religião

Para os fieis (católicos e crentes e para os dirigentes)

1- Como deve ser um católico/ crente?

2- O que é ser um desviado?

3- O que a igreja proíbe?

4- Há julgamento final?

5- O que deve ou pode ser feito para alcançar a salvação?

6– Os católicos vão aos velórios/enterros dos crentes?

7- E os crentes vão no enterro de católicos?

8- Você acha que de alguma forma os mortos podem ajudar os vivos?

9 - E os vivos o que podem fazer para ajudar os mortos?

10- O que é para você a morte.

Somente para crentes

01- O que significa falar línguas estranhas? (para os crentes)

02- Há quanto tempo aconteceu a conversão e se houve batismo na Assembleia de Deus e há quanto tempo isso aconteceu?

03 -O que é o mal, o diabo?

04 – Vocês esperam a volta de Jesus? Quando será isso?

05 – Como é o dia dos mortos aqui?

06 – Vocês pagam díizimo?

07 – Vocês têm coveiro?

08 – Por que vocês têm um cemitério próprio?

09 – Quem faz o ritual do velório e do enterro?

Do milagre ou da graça alcançada

1 – Você já fez promessa para o Santo? Em que ocasião?

2- Alcançou a graça?

3- Quando precisa de ajuda reza para quem. Para os mortos e para os santos, ou para Deus/Jesus?

Morte

Velórios

1-Quando alguém morre aqui em São Tomaz, o que deve ser feito?

2- Como é a preparação do corpo? O que se faz quando alguém está prestes a morrer?

3- Como e quem prepara o corpo?

4- Durante quanto tempo o morto é velado?

5- Como e onde são os velórios?

6- Há diferenças entre os de homens, mulheres, crianças, e desviados?

7- Com que roupa o morto há uso de véu?

8- O que é feito dos objetos que pertenciam ao morto?

9- Durante o velório come-se e bebe-se?

10- No velório o morto pode ficar sozinho?

11- As crianças vão ao velório?

12- O pastor/ padre acompanha no velório? Como é esse ritual?

13- Na preparação do corpo uma mulher pode preparar um homem e vice-versa

14- Quais as orações que se faz para o morto?

15- Quais os objetos que vão dentro do caixão?

15- Você lembra qual é a posição que os pés do defunto devem estar?

16 – Há alguma coisa que se faça quando o morto (enterro) sai de casa?

17 – Quando o morto pede algo antes de morrer vocês atendem o pedido? Por que?

18 – Ainda é usado aqui nos velórios a água benta para aspergir sobre o defunto?

19 – Você já presenciou a morte de alguém e já ajudou a arrumar o corpo?

Enterro

1- Como são o velório e o sepultamento em ST?

2- Há diferenças de sepultamento de criança, mulheres, homens, desviados etc.?

3- Quem faz os sepultamentos, e quais os horários que normalmente acontecem?

4- O morto é enterrado de sapatos?

5- Há enterros diferenciados, ou todos são enterrados da mesma forma?

6- Há coveiro e ele é uma pessoa respeitada aqui?

7- Para onde vão os ossos, pois percebi que aqui não há ossuário?

8- Quando não há padre ou pastor quem faz o ritual e como faz?

9- Quem são os anjinhos?

10- Os anjinhos têm lado próprio para serem enterrados? Por que? Eles têm caixões de cores diferentes?

11- Vocês compram caixões de funerárias, ou eles ainda são feitos aqui?

12- Quais são estas funerárias?

13- Houve aqui algum caso de cremação?

14- Você já soube de alguém que foi enterrado vivo

15 – As pessoas usam luto?

17 – Há velórios á noite? Ou até que horas se pode sepultar.

18– Faz-se algo especial em relação à limpeza da casa após a saída do corpo?

19 – Perguntar sobre o sino e o significado das batidas.

20- Saber se ainda usar aspergir água benta sobre o defunto durante o velório.

21- Você acha que de alguma forma os mortos ajudam os vivos, ou são os vivos que ajudam os mortos?

22- O que se faz com as roupas e objetos do morto?

23 – A roupa que o morto veste é a melhor?

24- Quando a pessoa está doente e faz alguns pedidos, você atendem?

Aspectos Gerais

1- Há celebração após a morte como missa de 7º dia?

2- Você já presenciou um ataque? Quem geralmente quem dá ‘ataque’?

3- Como ele acontece?

4- O que é a coberta d’alma? E ainda existe por aqui?

5- Para que serve o sino e em que ocasiões é tocado? Você consegue reconhecer os diferentes tipos de toque?

6- O que os mortos podem fazer de bem e de mal? Onde ficam os mortos?

7 – Para você o que é a morte?

8- Há trabalhos na morte feitos só por homens ou só por mulheres?

9 – As mulheres carregam caixão aqui em ST?

Funerárias

1 – Como se dá a preparação do corpo?

2 – Há diferenças quando se morre em casa ou no hospital?

3 – Como se lava o corpo, como se faz tamponamento, barba?

4 – Como se arruma um corpo para o velório (mãos, boca, cabelos, roupa)

5 – Que tipos de flores são usadas, e como se dispõem essas flores no caixão?

6- Que objetos acompanham o morto?

7 – Como se dá o transporte até o velório ou cemitério?

8 – Há diferenças entre velórios de católicos e de crentes?

9 – Qual a posição que o caixão fica no velório, na igreja e no cemitério?

10 – Como acontece o enterro? (perguntar se o caixão é levado na mão, no carro fúnebre, etc.)

11 – Há diferenças entre o enterro de crianças e de adultos?

12- Quais as roupas que o morto veste?

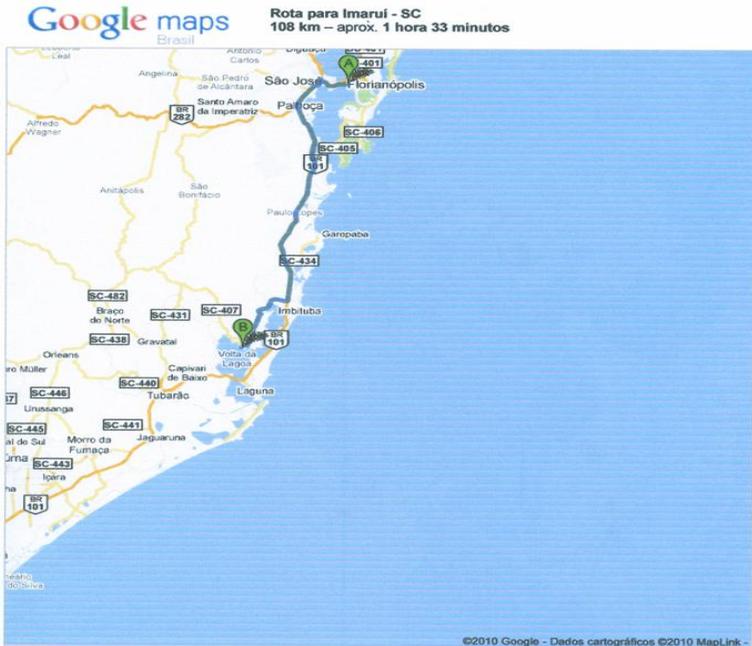
13- O que se faz com as roupas do morto?

14 – Você sabe o que é coberta d'alma?

15 – As mulheres em São Tomaz, carregam caixão?

16 – Há atitudes de respeito em relação ao morto? Vocês conversam com o morto enquanto estão arrumando o corpo?

7.3 Mapas



Google maps
Brasil

Rota para São Tomás, Gravatal - SC
21,1 km – aprox. 22 minutos

